

R e v i s t a
ADVENTISTA



Nicodemos
À NOITE

Uma nova abordagem a uma história familiar

O Caminho para a Esperança

Do Caminho para a Esperança

*Ouvi falar... já faz tempo...
Ó doce lembrança!
Compreendi
Que a vida tinha mudado,
Já tinha Alguém ao meu lado
Que me amava e conduzia.
Era o começo de uma fé,
Tão pequenina e singela.
Era a suprema alegria
E sentia
Que começava a viver aconchegada
No santo amor de Jesus!*

*É através do Caminho para a esperança
Que hoje quero falar do meu Senhor
Às flores pequeninas a crescer,
Aos que, em guerra,
Pensam que, sozinhos, tudo é possível vencer.
Aos olhos mortícios...
Cansados...
Aos que já nem sonham
E desolados só dizem:
Não vale a pena viver.
Sejam todos amparados,
E ternamente enlaçados
No santo amor de Jesus!*

**Percorrido o Caminho para a esperança
O amanhã é já uma vitória.
Sem palavras mas em profunda gratidão,
Sei que foi pela graça divina
Que me foi concedida a salvação.
Anseio deixar este mundo...
Viver no venturoso lar,
Plácido e belo lugar
Onde habita a plena Luz.
Assim, é no dealbar da eternidade,
E com coração em paz,
Que anseio viver para sempre
No santo amor de Jesus!*

Natália Fonseca
Vila Nova de Gaia

DIAS E OFERTAS ESPECIAIS:**JUNHO**

- Escola de Formação JA, RE Açores ----- 4-6
- Dia dos Ministérios da Mulher ----- 5
- Escola de Formação JA, RE Lisboa e Vale do Tejo ----- 18-20
- 59ª Sessão da Conf. Geral ----- 23 de Junho a 3 de Julho

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

Este mês de **Junho** vamos orar pelos seguintes campos e instituições da nossa Divisão:

- 31 de Maio a 4 de Junho – Universidade Adventista do Salève (EUD)
- 7 a 11 – Associação do Norte da França (FBU)
- 14 a 18 – Associação da Hansa (NGU)
- 21 a 25 – União Romena (RU)
- 28 de Junho a 2 de Julho – Associação da Eslováquia (CSU)

COMUNICAÇÃO**“TEMPO DE ESPERANÇA”**

No programa **“Fé dos Homens”**, na RTP2, com transmissão diária de Segunda a Sexta-feira, a partir das 18:00h e na Antena 1 a partir das 22h47, a Igreja Adventista terá um espaço nas seguintes datas:

- Segunda-feira, 21 de Junho
- Segunda-feira 05 de Julho
- Segunda-feira 26 de Julho

Programa CAMINHOS

Na RTP2, às 09h00 e na Antena 1 a partir das 06h00:

- 27 de Junho



APRENDA INGLÊS NA INGLATERRA



CURSOS GERAIS
 25 jan.-14 maio 2010
 1 set.-15 dez. 2010
 24 jan.-12 maio 2011

CURSOS DE VERÃO
 8 julho-2 agosto 2010

Venha para o curso completo ou para um de seus módulos

Módulo 1: 8-19 julho
Módulo 2: 16-26 julho
Módulo 3: 23 jul.-2 agosto

Newbold College
 Binfield, Bracknell, Berkshire
 RG42 4AN, Inglaterra, UK
 Telefone: +44 1344 407421
 Fax: +44 1344 407405
www.newbold.ac.uk
 Endereço Eletrônico: admissions@newbold.ac.uk

NEWBOLD COLLEGE a mind-opening experience

Revista ADVENTISTA

ÍNDICE

- 2 Poesia**
O Caminho para a Esperança
- 3 Memo/Anúncio**
- 4 Página do Leitor**
Criação
- 5 Editorial**
?????
- 6 Artigo de Fundo**
Nicodemos à Noite
- 9 Arqueologia**
Outra Batalha Acerca de David e Golias
- 14 Jovens**
Há coisas que um Terramoto não consegue Destruir (I)
- 16 Ciência e Religião XVI**
A Verdade Sobre o Cristianismo IV – Deus, o “Designer” do Universo
- 22 Espírito de Profecia**
Os Críticos e a Integridade dos Profetas
- 25 Informações**
- 27 A Igreja em Acção**
- 29 Testemunho**
Os Caminhos de Deus...
- 31 Devocional**
Observando a Queda do Pardal
- 35 Reflexão**
Na Pele de Outro Homem



IGREJA
ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

LARA VARANDAS

Revista ADVENTISTA

“Eis que cedo venho”

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-lo O melhor e manter a esperança da Sua breve volta.

A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S.A.

Director: José Eduardo Teixeira

Coordenador Editorial: Manuel Ferro

Chefe de Redacção: Paulo Sérgio Macedo

Colaboradores de Redacção: Ernesto Ferreira e Lara Varandas

Programação Visual e Diagramação:

Sara Calado

São bem-vindos todos os manuscritos, mesmo os não solicitados, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o número de telefone e fax, se for o caso. Se forem enviadas fotos, elas só serão devolvidas em caso de pedido expresso, senão ficam a fazer parte do arquivo da Publicadora SerVir.

E-mail: revista.adventista@pservir.pt

Proprietária e Editora:

Publicadora SerVir, S.A.

R. da Serra, 1 – Sabugo

2715-398 Almargem do Bispo

Tel. 219 626 200 – Fax 219 626 201

Director Comercial: Enoque Pinto

Controlo de Assinantes:

(Assinaturas, Facturação e Alteração de Moradas)

Responsável: Paula Raimundo

R. da Serra, 1 – Sabugo

2715-398 Almargem do Bispo

Tel. 219 626 200 - Fax 219 626 202

Expedição e Armazém:

R. da Serra, 1 – Sabugo

2715-398 Almargem do Bispo

Tel. 219 626 200 - Fax 219 626 202

Impressão e Acabamento:

Offset Mais, S.A.

Tiragem: 1500 exemplares

Depósito Legal N.º 1834/83

Preço: Número Avulso: €1,70

Assinatura Anual: €17,00

ISENTO DE INSCRIÇÃO NO E.R.C. –

DR 8/99 art.º 12.º N.º 1a

ISSN 1646-1886

Ano 71 – Nº 757 / JUNHO 2010



IGREJA
ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

As Vozes da Igreja

Criação

*Homem, vai e pergunta ao vento:
“Quem te criou, quem te fez potente?”
Olha, vê à noite o firmamento...
Quem o fez assim tão excelente?*

*Quem fez o sol e o sustenta?
Quem mantém acesa aquela chama?
Vai! Pergunta quem alimenta
As aves do céu, quem lhes dá a cama?*

*O oceano como surgiu?
E o mar calmo, sereninho,
Quem o fez, quem o construiu?
Para pra pensar um bocadinho!*

*E a Terra, antes, como seria?
Onde estava o Pólo Norte, o Pólo Sul?
Se no princípio era sem forma, vazia;
Quem concebeu, então, o Planeta Azul?*

*E foi feita uma alma vivente...
Lê, analisa a Sagrada Escritura!
O homem não é um “descendente”,
Ele é, isso sim, uma criatura!*

*O Sábado, dia santificado,
Escolhido para adoração,
Quem o fez, quem terá separado
Este memorial da criação?*

*Foste TU, meu Deus, Senhor,
Que tudo fizeste, tudo criaste...
Por isso é para TI o meu louvor,
E porque, um dia, à vida me chamaste!*

João F.G. Santos
Igreja de Viana do Castelo

Lara Varandas
Redactora da Publicadora SerVir

Enviar para:

Revista Adventista

(A/C Lara Varandas)

Publicadora SerVir, S.A.

Rua da Serra, 1

Sabugo

2715-398 Almargem do Bispo

ou para: lara.pservir@sapo.pt

José Eduardo Teixeira
Presidente da UPASD



Nicodemos À NOITE

*Uma nova
abordagem a
uma história
familiar*

David Marshall

“E HAVIA ENTRE OS FARISEUS UM HOMEM, CHAMADO NICODEMOS... ESTE FOI TER DE NOITE COM JESUS” JOÃO 3:1, 2.

Temos salientado o facto de Nicodemos preferir ser um crente secreto e, por isso, ter ido à noite. O que foi, realmente, importante, foi ele ter ido. E o que foi mesmo, mesmo importante é o que vem só no fim da história.

O Nicodemos que foi ver o Galileu sem-abrigo naquela noite era membro de uma das mais distintas famílias aristocráticas judaicas.¹ Ele teve de engolir muito orgulho e preconceito para ir. Não foi com desrespeito, com uma mente fechada ou com perguntas traiçoeiras. A sua afirmação “Bem sabemos que és um mestre, vindo de Deus” (João 3:2), não foi ao ponto de reconhecer quem era Jesus, mas, pelo menos, era inclusiva e cortês.

Sendo esse o caso, a resposta de Jesus foi um tanto surpreendente, soando desconstruída com os sentimentos cortesões do visitante. “Aquele que não nasceu de novo não pode ver o reino de Deus”, disse-lhe Ele (vers. 3).

A afirmação arrasou Nicodemos e fê-lo sentir-se confuso. Era uma abordagem de “deixemo-nos de rodeios”. Jesus estava a responder a algo que Nicodemos não tinha perguntado. Sentindo que Nicodemos estava demasiado seguro em todas as suas suposições erradas, Jesus definiu a base daquilo que Nicodemos precisava de saber.

O Choque Inicial

Os judeus estavam habituados a exigir um “novo nascimento” dos conversos gentios. Mas, pedir a um judeu um novo nascimento – e, ainda por cima, a um judeu da posição de Nicodemos – foi uma machadada à teologia e à visão do mundo do líder judeu. O seu lugar no reino de Deus tinha-lhe sido assegurado – devido à sua raça, à sua circuncisão, à sua enérgica observância da lei e ao seu vasto curriculum vitae (CV).

A clara inadequação da resposta de Nicodemos demonstra quão desconfortável ele se sentia. “Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer?” (vers. 4).

Mas Jesus não voltou atrás. Voltou a afirmar a Sua posição e, ao fazê-lo, tornou-a muito mais abrangente e duas vezes mais pessoal: “Necessário vos é nascer de novo” (vers. 7).

Nicodemos poderia ter dito: “Ouve lá, eu sou um homem importante! Sou eu que tenho os contactos por aqui! Em Jerusalém, ninguém tem um CV como o meu.” Mas, em vez disso, engoliu em seco, pestanejou, e disse: “Como pode ser isso?” (vers. 9). *A falta de hostilidade na resposta de Nicodemos diz muito a seu respeito.*

A resposta de Jesus (traduzida literalmente) “Tu és o mestre de Israel, e não sabes isto?” (vers. 10) pagou tributo ao estatuto escolástico de Nicodemos. Jesus chamou-lhe

o mestre, não meramente um mestre. Ele era, nos nossos termos, a autoridade máxima em Velho Testamento, naquela altura. E Jesus estava um tanto exasperado porque até mesmo “o mestre de Israel” não compreendia um conceito tão fundamental como era o novo nascimento.

E nós?

Podemos definir “graça”, “perdão” e “arrepentimento”. E, num dia bom, poderemos até explicar palavras como “justificação”. Mas, “novo nascimento”?

Quando surge algo que não compreendemos completamente num dos Evangelhos, podemos fazer três coisas: (1) procurar passagens paralelas nos outros três Evangelhos; (2) procurar o significado das palavras-chave num bom comentário; ou (3) procurar as raízes do texto do Velho Testamento.

Quanto a passagens paralelas, Mateus 18:3 e Lucas 18:17 põem isso nos seguintes termos: “Se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus”. Isso já ajuda.

Quanto às palavras-chave, o termo “de novo” também significa “*de cima*” (inferindo “de Deus”). Isso ainda ajuda mais, indicando a *origem* da experiência. Mostra que a regeneração é o trabalho do Espírito Santo (João 3:6-8).²

Mas é do Velho Testamento que obteremos a melhor ajuda para compreender o novo nascimento. Nicodemos talvez tivesse *magna cum laude* em Velho Testamento, mas poderia ter tido *summa cum laude* se não tivesse reprovado no seu Ezequiel!

Descritivo e Poderoso

Em Ezequiel, Nicodemos poderia ter encontrado a maravilhosa ilustração do novo nascimento. O capítulo 36:25-27 é uma ilustração da graça soberana de Deus em acção. No versículo 25 a cena mostrada é de água a limpar-nos da deformante sujidade do pecado. *Graça purificadora*. No versículo 26, que introduz a ideia de um novo coração – terno e responsivo para com Deus, à *graça purificadora* junta-se a *graça regeneradora*. O versículo 27 começa: “E porei dentro de vós o Meu Espírito” e mostra que toda a experiência de transformação a longo prazo, e durante toda a vida, é feita através da acção do Espírito Santo.

Nicodemos teria encontrado outras ilustrações do novo nascimento em Ezequiel. O capítulo 37 fala de um vale coberto por ossos humanos não sepultados, limpos pelas bicadas dos abutres e branqueados pelo sol. Deus pergunta a Ezequiel: “Poderão reviver estes ossos?” O versículo 10 diz: “O espírito entrou neles e viveram, e se puseram em pé, um exército grande em extremo”.

Que espantosa ilustração do novo nascimento, não acha?

Ezequiel 47 encontra o profeta a chapinhar em águas rasas que corriam, num fio, a oriente do templo. As águas começam a crescer exponencialmente e, cerca de 90 metros depois, o profeta dá por si numa corrente de água rápida

que lhe dá pelos joelhos. Uns cem metros depois, para leste, já a água lhe dá pela cintura. Pouco depois, tem de nadar para se salvar. A corrente de água acaba por cair no Mar Morto, como as cataratas do Niagara, fazendo-o reviver. Nas margens do Rio de Deus, correndo através da paisagem lunar entre Jerusalém e o Mar Morto, Ezequiel vê pomares de árvores de fruto que crescem em ambas as margens (vers. 12). Outra ilustração de como Deus dá nova vida.

Nessa noite, quando Nicodemos saiu de ao pé Jesus, sabia que tinha de estudar muito.

O encontro seguinte Jesus-Nicodemos teve lugar na Festa dos Tabernáculos. Jesus tinha levantado uma comoção ao afirmar: “Se alguém tem sede, venha a mim, e beba” (João 7:37).

Uma reunião convocada à pressa pelo Sinédrio emitiu um mandato para a prisão de Jesus. Mas os soldados enviados para O irem buscar regressaram sem o prisioneiro, relatando: “Nunca homem algum falou assim como este homem” (vers. 46). Os Fariseus fizeram pouco deles: “Creu nele, porventura, algum dos principais, ou dos Fariseus? Mas esta multidão, que não sabe a lei, é maldita” (vers. 48, 49).

Embora ficasse muito aquém de reconhecer Jesus como Messias perante os 70 do grupo, Nicodemos destacou-se como um campeão da justiça nesse dia, dizendo o suficiente para que eles lhe perguntassem, com sarcasmo: “És tu, também, da Galileia?” (vers. 52).

Tempos Difíceis

Ao chegar à semana da crucificação, era sabido que entre os líderes dos judeus havia quem cresse em Jesus. O que se pensava era que eles hesitavam em assumir-se por temerem a provável reacção da organização de Jerusalém (ver João 12:42, 43).

Mas esses “líderes dos judeus” escolheriam a altura mais improvável para se exporem. Acima deles Jesus caía, pendurado da cruz, morto. Soldados perfuraram o Seu lado. E, imediatamente aos pés da cruz, estavam cinco mulheres e João, encontrando-se a maioria dos discípulos habituais de Jesus escondidos em quartos fechado à chave “com medo dos judeus” (ver João 20:19).

No entanto, um pouco à parte, encontravam-se José de Arimateia e Nicodemos.

Na altura mais improvável, eles assumiram-se. Aceitaram a censura de serem seguidores do agora

morto Nazareno numa altura em que a censura não podia ser maior. Deixando o Gólgota, regressaram à cidade e procuraram ter uma entrevista com Pilatos, pedindo e recebendo permissão para remover o corpo de Jesus. “Nicodemos” estava presente, “levando quase cem arráteis de um composto de mirra e aloés.” Tiraram o corpo de Jesus e fizeram-Lhe um funeral digno de um rei (João 19:38-42).³

Aos pés da cruz, muitas coisas se encaixaram no devido lugar para Nicodemos. Entre outras, talvez ele se tenha lembrado das palavras de Jesus quando se encontraram na sua entrevista à noite: “E como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado; para que todo aquele que n'Ele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:14, 15). A história era para lhe lembrar as serpentes venenosas do deserto que punham em perigo o antigo Israel, e a serpente de bronze levantada por Moisés, para a qual os israelitas deviam olhar para viver (ver Núm. 21:5-9).

A conversa entre Nicodemos e Jesus foi, certamente, em Aramaico. Em Aramaico, a expressão “levantado” em ligação com o Filho do homem incluía tanto a ideia da exaltação como da crucificação. O mais importante foi Nicodemos tomar consciência de que devia ao Filho do homem tudo o que era, e tudo aquilo que podia esperar ser.

Resumindo, ele apossou-se da graça, recebendo a purificação da sujidade deformante do pecado e um novo coração sensível aos ditames de Deus. E o Espírito Santo, o agente da regeneração, veio viver nele. Como aconteceu com Nicodemos, o novo nascimento começa aos pés da cruz quando aceitamos a graça de Deus.

Importante? Sim! MUITÍSSIMO importante – para sempre e por toda a eternidade. ■

David Marshall

Redactor da Stanborough Press,
e em Grantham,
Lincolnshire,
Inglaterra

Bibliografia

1. William Barclay, *The Gospel of John*, vol. 1, The Daily Study Bible Series (Edimburgo: Saint Andrew Press, 1955), p. 123.
2. Bruce Milne, *The Message of John* (Leicester, U. K.: Inter-Varsity Press, 1993), pp. 78, 79.
3. Milne, pp 287, 288; C. G. Cruse, *Tyndale New Testament Commentaries, John* (Leicester, U. K.: Inter-Varsity Press, 2003), pp. 273, 274.

OUTRA BATALHA ACERCA DE DAVID E GOLIAT

MICHAEL G. HASEL

Na narrativa histórica da Bíblia há um indivíduo que obtém mais proeminência, é mais mencionado, desde Samuel até ao último capítulo de Apocalipse. Não é Abraão, o pai de três grandes religiões monoteístas, ou Isaque ou Jacob. Não é Moisés, o grande libertador do povo de Deus do Egípto. Não é Josué, o líder que guiou Israel para a Terra Prometida. Estas foram, certamente, figuras centrais na história de Israel. Na realidade, nem sequer Jesus é mencionado tão frequentemente pelo Seu nome como este indivíduo. O seu nome aparece mais de 1100 vezes nas Escrituras.

MURALHA DA CASAMATA E ÁREA DO PORTÃO:

Ao escavar parte da muralha viu-se a técnica típica de construção defensiva do século X a.C. – quartos adjacentes à muralha exterior.



Guerreiro, Poeta, Fundador da Nação

Ele foi um grande músico, tendo composto a maior parte da liturgia do culto israelita que ainda hoje é cantada nas sinagogas e igrejas. Foi um poeta, um guerreiro, um grande rei e um líder para o seu povo.

A personagem de David incendiou a imaginação de milhões de pessoas ao longo dos séculos e milénios. Artistas, tais como Miguel Ângelo, foram inspirados pela sua vida e personalidade.

Mas a centralidade de David na Bíblia é revelada não apenas nas suas capacidades de músico, poeta, guerreiro, estadista e herói. A sua importância é muito mais evidente como antepassado do Messias. É através da semente de David – a raiz do seu pai, Jessé – que o Messias devia nascer.

O próprio David, nos Salmos, apontou para a futura vinda do Messias. Tanto Mateus como Lucas incluem David na genealogia de Jesus. Foi “José, filho de David” que se tornou o pai de Jesus (Mat. 1:20, 21).

Mais tarde, quando Jesus entra triunfalmente em Jerusalém montado num burrinho, o povo grita “Hosana ao Filho de David; bendito o que vem em nome do Senhor” (Mat. 21:9).

- › David é, na verdade, uma das figuras mais centrais das Escrituras.
- › Sem David, não haveria fundador de Jerusalém.
- › Sem David, não haveria autor para a liturgia do culto de Israel.
- › Sem David, não haveria uma Monarquia Unida de Israel.
- › Sem David, não haveria Messias.

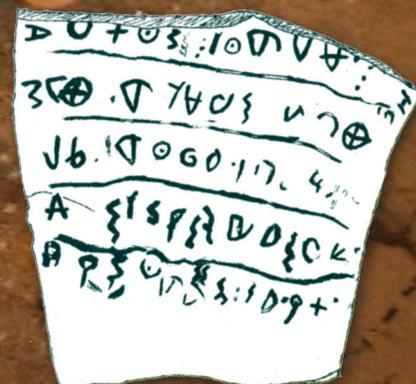
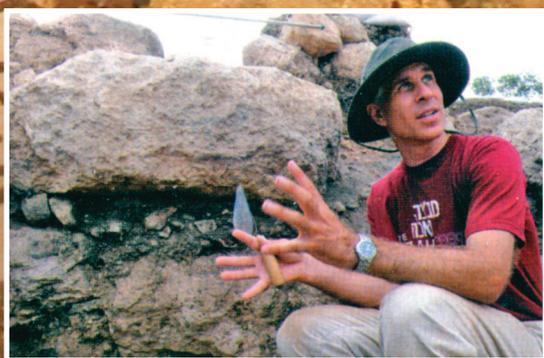
A Batalha Acerca de David – e a História Bíblica

Pode surpreender muitos que, mais furiosa do que a própria batalha entre David e Golias, há, agora, uma violenta batalha intelectual no que respeita à história da primitiva monarquia em Israel. Em anos recentes, tem havido um número crescente de escolásticos pós-modernos que questionam a historicidade da figura do próprio David. Põem em questão o facto de ele ter realmente existido.

Em 1922, Phillip Davies, da Universidade de Sheffield, escreveu no seu livro *In Search of “Ancient Israel”* (*À Procura do “Antigo Israel”*) que o “Hebreu bíblico” era uma língua inventada no período Helinístico – 700 anos depois do David bíblico ter vivido. Escreve ele: “O ‘Israel’ da literatura bíblica não é, pelo menos na sua maior parte, de modo algum uma entidade histórica.”¹ Afirma ainda: “O ‘império’ bíblico de David e Salomão não tem o mais leve eco nos registos arqueológicos – por enquanto.”²

Na forma de pensar de Davies, a Bíblia é culpada até ser provada a sua inocência. Por outras palavras, o texto é escrito tarde e é, na sua maioria, ficção, a não ser que seja corroborado por fontes externas, quer dizer, arqueologia ou textos históricos extra bíblicos. Como os nomes de algumas personagens da Bíblia ainda não foram encontrados – David e Salomão – ele assume, simplesmente, que estas pessoas e locais nunca existiram e, por extensão, o seu Israel não existiu. Obviamente, este é estritamente um argumento do silêncio.

Os argumentos do silêncio são perigosos em qualquer disciplina científica. No campo da arqueologia podem ser devastadores. Um ano depois de Phillip Davies ter publicado o seu livro argumentando que David e Salomão não eram figuras históricas, escavações feitas em Dã, um lugar bíblico no Norte de Israel, produziram novas evidências. Em 1993,



FERRAMENTAS DO OFÍCIO: Uma colher de pedreiro, muita paciência e boas capacidades de observação são o necessário para desenterrar o passado. O professor da SAU Michael Hasel explica tudo.

TOMANDO NOTAS: Nos tempos bíblicos, as notas escreviam-se, muitas vezes, com tinta em fragmentos de louça ou barro (ou ostraca). O ostracon de Khirbet Qeiyafa é, provavelmente, a inscrição hebraica mais antiga que se conhece.

fora do portão da cidade, um estudante, enquanto escavava uma parede, deu a volta a uma pedra e notou uma inscrição. Escrito em pedra de basalto, afirmava-se que a Casa de David e a Casa de Israel tinham sido derrotadas em batalha pelo rei de Aram. Pela primeira vez na História, o nome de David foi encontrado escrito em pedra. Os estudiosos saudaram isso como uma evidência clara não só da existência de David, mas também da divisão bíblica de Israel e de Judá.³

Não entanto, na vasta agenda do pós-modernismo para reescrever o passado, outros estudiosos juntaram-se à refrega, não apenas para questionarem David, mas também para questionarem toda a história primitiva de Israel. Para estes estudiosos bíblicos – não físicos, biólogos, ou filósofos, mas estudiosos bíblicos – David era apenas uma figura mítica. John Van Seters, um bem conhecido estudioso bíblico canadense, argumenta no seu livro de 2009, *The Biblical Saga of King David (A Saga Bíblica do Rei David)*, que a história de David não tinha sido escrita até ao período Persa, centenas de anos depois do evento.⁴ Mas como é que ele pode demonstrar isto? Será que a origem da história de David, até mesmo a sua própria existência, depende de opiniões, mesmo que sejam de pensadores seculares de renome? Criamos a realidade por teorias e hipóteses eloquentes? Ou será a realidade algo que é inerente no passado, a que podemos chegar através de espólios materiais do passado – nomeadamente, arqueologia?

Batalha Acerca da Monarquia Unida

O debate também envolveu arqueólogos que estão a trabalhar em Israel nas últimas duas décadas. Em 2006, foi publicado, por Israel Finkelstein e Neal Asher Silberman, um novo livro intitulado *David and Solomon*. Finkelstein,

um distinto professor de arqueologia da Universidade de Tel Aviv, concluiu que, para o período de David e Salomão:

- › Não há provas de extensiva literacia.
- › Não há provas de guerras extensas.
- › Não há provas de grandes edifícios.
- › Não há provas de intrigas de dinastias entre Saul e David.
- › Jerusalém era uma pequena aldeia.
- › Jerusalém controlava apenas uma zona interior escassamente habitada.⁵

Finkelstein e Silberman baseiam as suas conclusões naquilo a que chamam “a ausência de evidências”. Mas será a ausência de evidências uma evidência para a ausência? Ou, tal como a inscrição sobre David encontrada em Dã, poderá estar a evidência ainda por descobrir? As escavações em Jerusalém ainda não revelaram grande coisa porque é uma cidade densamente habitada.

Contudo, a Dra. Eilat Mazar escavou, recentemente, um monumental edifício em Jerusalém que ela afirma que poderá ser o palácio de David,⁶ e, em Setembro último, arqueólogos da Universidade de Haifa e da Autoridade de Antiguidades de Israel anunciaram a descoberta de uma sólida muralha feita com pedras monumentais de 4 a 5 toneladas, preservada até uma altura de mais de cinco metros em Jerusalém. Datada de 1700 a.C., 700 anos antes de David, testifica de uma cidade grande, fortificada, na Idade Média do Bronze. O Director de escavações Ronny Reich disse: “Não obstante o facto de que muitos tenham escavado neste monte, há uma grande probabilidade de que elementos arquitectónicos bem preservados e extremamente grandes ainda estejam escondidos nele e à espera de serem descobertos.”⁷

Estes desenvolvimentos muito recentes demonstram que o argumento de “ausência de evidências” para Jerusalém é, no fim de contas, inadequado. Quem sabe que novas descobertas poderão ser feitas este ano?

David e Golias na Arqueologia

Depois, há a história de David e Golias, uma das histórias mais conhecidas de todos os tempos. O cenário é I Samuel 17, onde a Bíblia dá, nos primeiros versículos, uma descrição elaborada da geografia exacta do vale de Elá. Os Filisteus acamparam num lado do vale entre Azeca e Socoh, e os Israelitas no lado oposto, com o vale entre eles. Isso significa que a Filisteia acampou no Sul do vale e que o exército de Israel acampou a Norte.

Durante os últimos três anos foram feitas novas escavações num novo e promissor local conhecido hoje como Khirbet Qeiyafa. O local fica situado nos montes a Norte do vale de Elá, onde os israelitas poderão ter acampado há cerca de 3000 anos. O Instituto de Arqueologia da Southern Adventist University é parceiro com a Universidade Hebraica de Jerusalém nas escavações da cidade, situada na fronteira entre Judá e a Filisteia e na estrada principal para Jerusalém nos tempos antigos.

À volta do local há maciças casamatas, ou muralhas duplas, contendo quartos. Em 2009, a Southern Adventist University escavou dois desses quartos e encontrou vasos completos, mas partidos, incluindo uma lâmpada, uma tigela e vários vasos de armazenamento com impressões digitais.⁸ Todos esses vasos desse nível datam da Idade do Ferro IIa, ou do início do décimo século a.C., por volta do tempo de David. Calcula-se que a muralha dupla e os portões, que são contemporâneos desse período, poderão ter precisado de 200 000 toneladas de pedras para serem construídos. Isso teria requerido enormes recursos, trabalho braçal e uma organização central para que tudo fosse feito. Khirbet Qeiyafa não é apenas uma quinta ou um curral de ovelhas; é uma cidade guarnição planeada, que evidencia um governo e organização centralizada.

Foram descobertos dois enormes portões juntamente com as muralhas. O primeiro está a ocidente, na direcção da terra dos filisteus. O segundo encontra-se a sudeste em direcção à estrada que levava a Jerusalém. Foram construídos com as mesmas dimensões de abertura e a mesma arquitectura. As muralhas destes portões são maciças, construídas com pedras que pesam de 2 a 4 toneladas cada, as maiores pedras usadas em edifícios, comparadas com qualquer local contemporâneo em Israel ou Judá. Cada portão tem quatro quartos ou câmaras. O portão a ocidente tem uma pedra na soleira, que teria servido de ponto de apoio para as pesadas portas de madeira. Fizeram-se escavações nas valas para drenagem e continham apenas vasos de barro da Idade do Ferro, o que ajuda a estabelecer a construção do portão no período da primitiva monarquia.

Estes dois portões são importantes, porque nenhuma outra cidade em Israel, neste período, foi construída com dois portões. As escavações de Laquis, Megido, Gezer e outros locais apenas mostram um portão. Poderá isso ajudar a identificar o local de Khirbet Qeiyafa?

Os versículos finais da história de David e Golias descrevem a derrota dos filisteus: “Vendo então os filisteus que o seu campeão era morto, fugiram. Então os homens de Israel e Judá se levantaram, e jubilaram, e seguiram os filisteus, até chegar ao vale, e até às portas de Ecron. E caíram os feridos dos filisteus pelo caminho de Saaraim até Gath e até Ecron” (I Sam. 17:51, 52). A palavra hebraica *Shaarayim* (Saaraim) significa “dois portões”. Poderia Khirbet Qeiyafa ser, finalmente, aquela antiga cidade associada à famosa história de David e Golias? Yosef Garfinkel e Saar Ganor, directores da escavação, acreditam que sim.⁹

O Ostracon de Khirbet Qeiyafa

Em 2008, foi feita aqui uma descoberta espantosa. Foi encontrado um vaso de armazenagem partido com cinco linhas de escrita. Estava num chão que datava da Idade do Ferro. Os jornais de todo o mundo noticiaram descoberta da inscrição hebraica mais antiga já encontrada – 800 anos mais antiga do que os manuscritos do Mar Morto!

A inscrição tinha várias palavras que se conseguiam ler, incluindo “rei”, “terra” e “juiz”. A tradução oficial foi apresentada em Novembro de 2009, na reunião profissional da American Schools of Oriental Research, em Nova Orleães, onde foi afirmado que o vocabulário era, definitivamente, Hebreu. Isso indica que a literacia estava mais espalhada do que alguns especialistas acreditavam, já durante o período da primitiva monarquia. De outra forma, porque haveria de haver uma inscrição importante tão longe de Jerusalém, nas fronteiras de Judá e Filisteia?

A primitiva cidade da Idade do Ferro foi ocupada apenas durante um curto espaço de tempo, provavelmente menos de 50 anos, antes de ter sido destruída e abandonada. 700 anos depois, foi estabelecida uma nova guarnição por Alexandre, o Grande, ou Ptolomeu I. Nesse Verão, num dos chãos, foi encontrada uma moeda de prata de Alexandre, e várias outras moedas cunhadas durante o reinado de Ptolomeu.

Mas ainda ficaram várias questões para as futuras escavações de Khirbet Qeiyafa. Que relação tem esta guarnição com as cidades fronteiriças de Gath e Ecron, na Filisteia? Porque foi ocupada apenas durante um curto período durante a antiga monarquia e depois destruída ou abandonada? Haverá mais inscrições a encontrar nas outras casas durante as escavações a serem feitas? O que terá levado à inovação dos dois portões e porque teria este elemento arquitectónico desaparecido nos planos de cidades posteriores? Estes são os tipos de questões que incentivam a nossa curiosidade e investigação. As escavações futuras feitas pelos esforços conjuntos da Universidade Hebraica e a Southern Adventist University

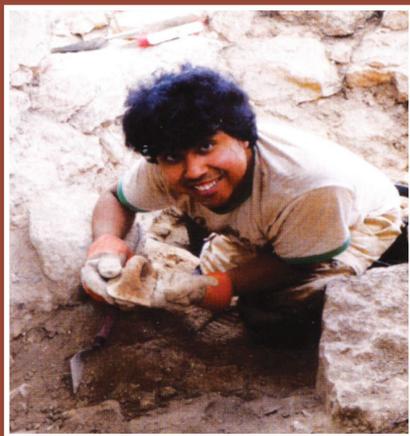
Em Ação

Gerald A. Klingbeil

O trabalho da Southern Adventist University em Khirbet Qeiyafa, Israel, só agora começou, e você pode fazer parte da equipa que fará escavações de 16 de Junho a 27 de Julho, 2010. Quando se juntar à equipa de voluntários, é natural que perca as sessões da Conferência Geral em Atlanta, mas terá o prazer de adquirir novas capacidades, de se misturar e confraternizar com arqueólogos experientes, e de viajar (durante os fins-de-semana) até muitos locais que são importantes para os leitores da Bíblia, incluindo Jerusalém, Masada, Hazor, Cesareia de Filipe, Mar da Galileia, Petra e o Mar Vermelho.

Os voluntários que quiserem juntar-se à equipa de escavações não têm de ter um curso em arqueologia bíblica. Só têm de estar motivados (para se levantar muito cedo!) e estar em boa forma física para se tornarem parte da equipa de escavações. Podem ficar apenas durante três semanas ou inscrever-se para a época toda – e se forem estudantes universitários ou pastores, podem, na realidade, ganhar 6 horas de créditos. Receberão formação de campo e aprenderão a manusear equipamento avançado.

Suje as mãos e faça planos para passar um Verão inesquecível. Visite on-line http://archaeology.southern.edu/dev/index.php?option=com_content&task=view&id=24&Itemid=33 ou envie um e-mail a Michael Hasel directamente para mhasel@southern.edu.



Viva o prazer da aventura: Justo Morales tem nas mãos a asa de um cálice partido.

irão, sem dúvida, revelar mais sobre a guarnição fronteiriça de Sha'arayim.

A Batalha Continua

À medida que a batalha pós-moderna sobre David e Golias e sobre a historicidade da Bíblia, continua, temos de enfrentar, hoje, um conflito maior – um com proporções cósmicas que tem um impacto sobre a família e a Igreja. Muitas vezes, estas forças convergem para nos desanimar na luta em que o nosso mundo se deve envolver pela verdade, princípios morais e o eterno evangelho. Alguns de nós poderemos estar a lutar com o desemprego, com um grave problema de saúde, com algo que nos parece tão grande que chegamos a sentir que vamos ser esmagados. Poderemos sentir-nos pequenos e insignificantes. Podemos não ter a mensagem mais popular para o mundo de hoje, mas, à medida que nos armamos com as promessas da Palavra de Deus, temos a certeza de que Ele nos ajudará até ao fim.

Quando David, com a sua simples funda, venceu Golias naquele dia, sabia que a promessa de Deus se tinha cumprido. A sua vitória confirmou a sua predição ao Rei Saul: “O Senhor me livrou da mão do leão, e da do urso; Ele me livrará da mão desse filisteu” (I Sam. 17:37). É aqui que a mensagem de David e Golias nos continua a falar. A batalha não é nossa, mas sim do Senhor. ■

Michael G. Hasel

Director do Instituto de Arqueologia,
Curador do Lynn H. Wood Archaeological Museum,
e Professor de Estudos do Próximo Oriente
e de Arqueologia na Southern Adventist University,
Collegedale, E.U.A.

Bibliografia

1. P. Davies, *In Search of "Ancient Israel"* (Sheffield, U.K.: JSOT Press, 1992), p. 26; ver a revisão por M. G. Hasel, *Andrews University Seminary Studies* 32 (1994): 2690-262.
2. Davies, p. 67
3. A. Biran e J. Naveh, "An Aramaic Stele Fragment From Tel Dan", *Israel Exploration Journal* 43 (1993): 81-98; M. G. Hasel, "The House of David", *Adventist Review*, Julho 14, 1994, p. 10.
4. J. Van Seters, *The Biblical Saga of King David* (Winona Lake, Ind.: Eisenbrauns, 2009), p. 3.
5. I. Finkelstein and N. A. Silberman, *David and Solomon: In Search of the Bible's Sacred Kings and the Roots of Western Tradition* (New York: Free Press, 2006) pp. 92-98; para mais sobre o debate, ver I. Finkelstein e A. Mazart, *The Quest for the Historical Israel* (Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007).
6. A. Mazart, "Did I Find King David's Palace?" *Biblical Archaeology Review* 32/1 (Jan./Fev. 2006): 16-27, 70.
7. "Massive' Ancient Wall Uncovered in Jerusalem", CNN (4 Set. 2009).
8. Y. Garfinkel, S. Ganor, M. Hasel, and G. Stiebel, "Khirbet Qeiyafa, 2009", *Israel Exploration Journal* 59 (2009): 14-20.
9. Y. Garfinkel and S. Ganor, "Khirbet Qeiyafa: Sha'arayim", *The Journal of Hebrew Scriptures* 8, art. 22 (2008): 3,4: *Idem*, *Khirbet Qeiyafa, The 2007-2008 Seasons* (Jerusalem: Israel Exploration Society, forthcoming).

HÁ *coisas* QUE UM TERRAMOTO
NÃO CONSEGUE DESTRUIR (I)



No início de Janeiro deste ano, a Dra. Zilda encontrava-se no Haiti a acompanhar as actividades da organização humanitária que ela fundara. Dentro de alguns dias iria discursar numa convenção religiosa sobre o trabalho que ela desenvolvia há varias décadas a salvar crianças da violência, da desnutrição e de doenças decorrentes da pobreza e DA falta de higiene.



No dia 12 de Janeiro, quando a terra tremeu no Haiti por volta das cinco da tarde, a Dra. Zilda Arns tornou-se uma das cerca de 300 mil vítimas do terramoto.

A família Arns

Nascida em 1934, numa família de origem alemã, Zilda era a 13ª filha de uma série de 16 crianças que nasceram ao casal Gabriel Arns e Helene Steiner. A família vivia na cidade de Forquilha, no estado de Santa Catarina, no Brasil, numa região de população predominantemente europeia.

Vida de dedicação

A jovem Zilda foi estudar medicina em 1953 na Universidade Federal do Paraná, vindo a formar-se com médica pediatra em 1959. Mais tarde, fez uma especialização na área da saúde pública e da educação física.

Como médica, Zilda Arns dedicou a vida ao cuidado das populações pobres e desfavorecidas. Tendo um forte sentido prático, esta médica cedo entendeu que não valia a pena esperar por grandes projectos governamentais para salvar a vida a milhares de crianças, que morrem todos os anos vítimas de cólera, sarampo, poliomielite, desnutrição entre outras.

Pôs mãos à obra, e resolveu começar a ensinar as mães sobre como ter cuidados que poderiam salvar a vida dos seus pequeninos.

A Dra. Zilda percebeu que o que mais mata é a ignorância. Isto deu o mote à sua cruzada.

Mas, compreendendo que não conseguia realizar sozinha esta tarefa, formou um grupo de voluntários para ensinar, de forma simples, aquilo que poderia salvar tantas vidas.

A partir de uma visão muito particular do milagre da multiplicação dos pães e dos peixes, em João 6, a Dra. Zilda considerava a informação a maneira mais eficiente para combater o flagelo da mortalidade infantil. Por isso, criou

uma metodologia comunitária de multiplicação do conhecimento e de solidariedade entre as famílias mais pobres.

A educação das mães por líderes comunitários capacitados, revelou-se a melhor forma de combater a maioria das doenças facilmente preveníveis e a marginalidade das crianças. Ao longo de 25 anos, foram acompanhadas mais de um milhão e novecentas mil mulheres grávidas e crianças menores de seis anos, e um milhão e quatrocentas mil famílias pobres. Os seus mais de 260 mil voluntários levam fé e vida, sob a forma de solidariedade e conhecimentos sobre saúde, nutrição, educação e cidadania, às comunidades mais pobres.

Começo humilde

A primeira experiência feita pela Dra. Zilda foi na cidade paranaense de Florestópolis. Naquele município, durante a década de oitenta, a taxa de mortalidade infantil era de 12,7%, ou seja, 127 crianças morriam em cada mil nascimentos. Apenas um ano depois de os voluntários começarem o projecto, os índices baixaram para 2,8%.

Isto é impressionante... qualquer voluntário tem a consciência de que todos os conselhos que dá podem fazer a diferença entre a vida e a morte de uma criança. Estes homens e estas mulheres, na sua maioria, não possuem grande formação académica, mas têm o sentido da responsabilidade de transmitir aquilo que aprenderam, como um sagrado legado com o poder de salvar vidas, que de outra forma se perderiam.

Pessoas comuns...

O trabalho de motivação que a Dra. Zilda Arns fez com os primeiros voluntários que a acompanharam mostra uma coisa desconcertantemente simples: Pessoas comuns podem realizar coisas surpreendentes!

O que deu notoriedade à vida desta médica brasileira não foi a genialidade dos seus projectos, mas a paixão com que trabalhava em favor dos desfavorecidos.

Nos seus 75 anos de vida, encontrou tempo para criar uma família de cinco filhos, dez netos e influenciar a vida de centenas de milhares de crianças!

Numa entrevista dada a um jornal em 2002, Zilda Arns deu voz a um conceito que a definia de forma muito objectiva:

“Nunca se deve complicar o que pode ser feito de maneira simples.” – Dia 30/10/2002 por Agência Estado.

Quando a terra tremeu no Haiti, no início deste ano, lamentavelmente ceifou a vida desta digna senhora. Contudo, a obra da Dra Zilda não foi sepultada no dia 12 de Janeiro. Há coisas que um terramoto não consegue destruir: uma existência de amor em favor dos outros continuará de pé quando a nuvem de pó da derrocada assentar! ■

No dia 12 de Janeiro, quando a terra tremeu no Haiti por volta das cinco da tarde, a Dra. Zilda Arns tornou-se uma das cerca de 300 mil vítimas do terramoto.

O que motivou Zilda Arns...

Inconformidade com as circunstâncias – sem se preocupar com as responsabilidades do estado, assumiu a missão de fazer aquilo que estivesse ao seu alcance para salvar vidas.

Visão objectiva – mesmo sem dinheiro, pode-se melhorar a vida dos mais pobres... o segredo é a informação!

Espírito mobilizador – raramente se consegue fazer algo notável sozinho. A Dra. Zilda entendeu isso muito cedo. Por essa razão, treinava pessoas para ensinarem outras pessoas.

Isto dá o que pensar!

1. Que tipo de conhecimentos poderias usar para melhorar a vida de outras pessoas?
2. Quanto tempo pretendes esperar para fazer algo por alguém? Já pensaste que pessoas comuns podem realizar coisas surpreendentes?
3. Que dom ou talento pensas que Deus te deu para ajudares as outras pessoas?
4. **Desafio** – conversa com Deus e com uma pessoa da tua família, que te possa ajudar a descobrir os talentos que tens, e como os poderás pôr ao serviço do Senhor.

Dados Biográficos

Nasceu a 25 de Agosto de 1934, em Forquilha, estado de Santa Catarina, Brasil.

Faleceu a 12 de Janeiro de 2010, no Haiti.

Profissão – médica pediatra.

Notoriedade – fundou varias organizações de apoio humanitário, entre as mais conhecidas a Pastoral da Criança e a Pastoral do Idoso.

Para saber mais:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Zilda_Arns

http://www.pastoraldacrianca.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=364:biografia-da-dra-zilda-arns-neumann&catid=58:falecimento-dra-zilda

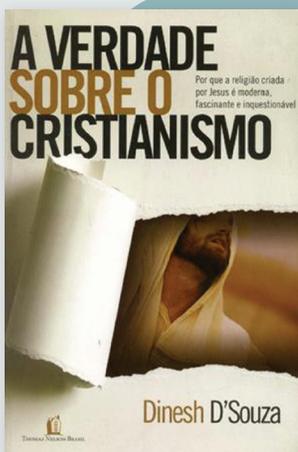
The image shows two screenshots of the Pastoral da Criança website. The top screenshot is titled 'Biografia da Dra. Zilda Arns Neumann' and provides a detailed account of her life, including her medical education, her work as a pediatrician, and her founding of the Pastoral da Criança. The bottom screenshot shows a search for 'Madrão em Busca da Gestante' and other news items, including a program for pregnant women and a radio program.



MIGUEL MATEUS

A Verdade Sobre o Cristianismo IV

— Deus, o “*Designer*” do Universo



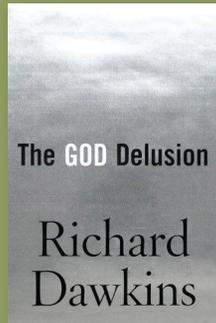
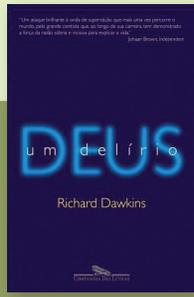
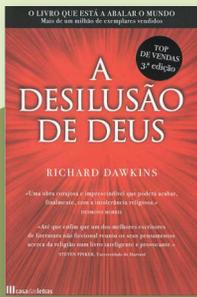
Nesta série de artigos, pretendemos demonstrar porque acreditamos que “a religião criada por Jesus é moderna, fascinante e inquestionável”.¹

Desenvolveremos sete temas – um em cada artigo.

Introdução – Os Novos Ataques dos Antigos Ateus

- 1** – O Cristianismo é o principal fundamento da civilização ocidental.
- 2** – As descobertas mais recentes da Ciência sustentam a existência de um Ser Divino que criou o Universo.
- 3** – **A Teoria da Evolução de Darwin não destrói as evidências de “design” do Universo, pelo contrário, reforça essas evidências (artigo deste mês).**
- 4** – Não existe nada na Ciência que torne os milagres impossíveis.
- 5** – É aceitável ter fé.
- 6** – O ateísmo e não a religião, é responsável pelos genocídios da história.
- 7** – O ateísmo não é motivado nem baseado na razão.

Este mês abordamos o terceiro tema.



Os ataques recentes ao Cristianismo estão a ter grande impacto na sociedade.

As ideias não são novas, mas a violência e radicalidade das propostas e o eco que estão a ter na sociedade são um elemento novo e necessitam de uma resposta.

Estes são os autores mais salientes:

Richard Dawkins

Cristopher Hitchens

Sam Harris

Poderíamos ainda citar vários outros, como Steven Pinker, E. O. Wilson, Daniel Dennett, Carl Sagan, ou até mesmo mais antigos, como Bertrand Russel, que, não sendo tão agressivos, fornecem bases intelectuais para o ataque.

Introdução

Neste quarto artigo da série “A verdade Sobre o Cristianismo”,² vamos lidar com o tema da existência de Deus.

Continuaremos a utilizar como guia o livro de Dinesh D’Souza, *A Verdade Sobre o Cristianismo – Porque a Religião Criada por Jesus é Moderna, Fascinante e Inquestionável, que representa uma defesa moderna do Cristianismo*.

Para desenvolver o tema, vamos recorrer a três áreas da Ciência: 1) Física, 2) Astronomia e 3) Biologia – e verificar como o entendimento científico actual nestas áreas não permite a exclusão de Deus.

Antes pelo contrário. Como temos reforçado nesta série de artigos, quanto mais investigamos, mais encontramos locais onde a “Hipótese de Deus”³ é não só plausível como necessária.

1. Deus e os Cosmólogos – Argumentos da Física das Partículas

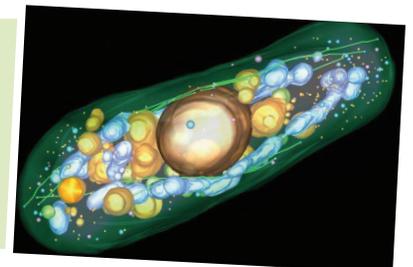
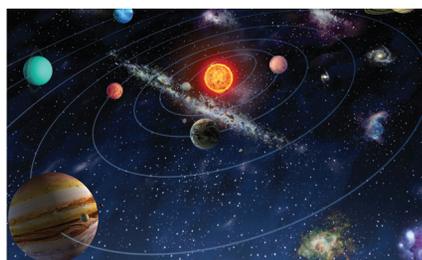
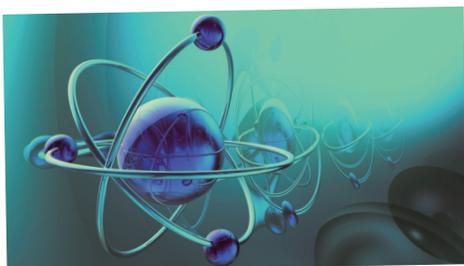
E. O. Wilson, um conhecido biólogo e naturalista, fez o seguinte desafio: “Se pudesse ser encontrada alguma evidência positiva de uma força sobrenatural que nos guia [...] ela seria uma das maiores descobertas de todos os tempos.”⁴

Tenho notícias para todos!

Numa impressionante confirmação do livro de Génesis, a Ciência moderna encontrou evidências desta força sobrenatural – hoje a Ciência defende que o Universo e “tudo o que nele há” foi criado numa explosão primordial de energia e luz.

Ou seja, tudo o que existe foi criado a partir... do nada!

E não apenas o Universo visível e a matéria com a qual tudo à nossa volta é construído, mas este evento teria sido a origem do próprio espaço e tempo.



A forma exacta de conciliar esta descoberta com o relato Bíblico ainda é tema de debate e um mistério por resolver, mas o facto de a Ciência ter descoberto que tudo o que existe foi criado a partir do nada, é bem interessante.

Este facto foi de tal maneira perturbador para os cientistas seculares – que não querem deixar milagres entrar na sua visão do mundo – que durante alguns anos os cientistas que defendiam esta teoria foram ridicularizados e ostracizados.

Hoje, esta teoria reúne praticamente o consenso na comunidade científica, sendo poucos os cientistas que a contestam.⁵

Se colocarmos lado a lado um relato das origens – supostamente científico – e o relato do Génesis, veremos que ambos são igualmente surpreendentes.

E não ficamos por aí. As últimas descobertas dos cientistas apontam para a existência de uma nova força no Universo à qual se está a dar o nome de “Força Negra” – reparem na linguagem utilizada para descrever esta força e como ela parece mais do campo da Religião do que da Ciência.⁶

Quanto mais investigamos, mais encontramos evidências do Criador na Sua Natureza.

Note-se que também neste aspecto podemos observar a superioridade do Cristianismo e, neste caso, também do Judaísmo em relação a outras confissões.

No Budismo, por exemplo, aprendemos com o Dalai Lama que “existem múltiplos sistemas no mundo [...] que constantemente surgem e desaparecem”.⁷ Também no Hinduísmo são postulados ciclos infinitos de tempo que se estendem desde um passado indefinido. Os gregos e os romanos acreditavam na perenidade da história, à semelhança de outras culturas da antiguidade.

Mas a perspectiva da Bíblia é completamente diferente, apresentando-nos um inquestionável início, sem margem para dúvida.

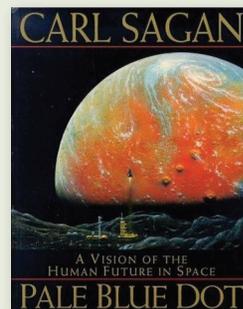
“No princípio criou Deus os céus e a terra” **Génesis 1:1.**



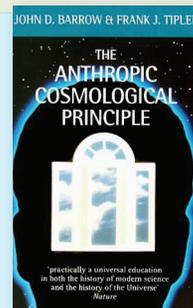
2. Um Universo “Feito à Medida” – Argumentos da Astronomia (O Princípio Antrópico)

Vimos em artigo anterior⁸ os problemas que Galileu enfrentou, bem como Copérnico, por defenderem um modelo em que a terra não se encontrava no centro do Universo.

Quando finalmente nos estávamos a acostumar a esta ideia – também chamada de O “Princípio da Mediocridade” – de que somos apenas um “pequeno pontinho azul na imensidão do espaço”,⁹ ou de que somos apenas “poeira cósmica” pouco importante – eis que a Ciência faz novas descobertas que nos restituem o orgulho.

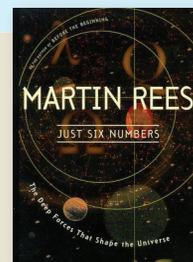


Para contrapor ao “Princípio da Mediocridade”, a Ciência apresenta hoje o “Princípio Antrópico”.¹⁰ Este princípio reconhece a descoberta recente dos cientistas de que o Universo em que habitamos aparenta ter sido criado de forma muito precisa para abrigar vida, “parece ser o resultado de uma conspiração para nos produzir”.



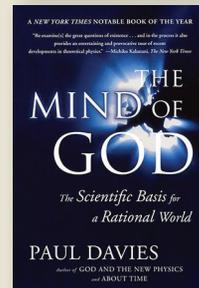
O cosmólogo Paul Davies afirma que “fomos escritos nas leis da Natureza de um modo profundo e, acredito eu, significativo”.¹¹

No livro *Apenas seis números*,¹² o astrónomo Martin Rees explica como as seis constantes da Natureza fundamentais para a explicação do Universo aparentam ser exactamente dimensionadas para permitir a vida.



Qualquer pequena variação num destes valores e a vida como a conhecemos não seria possível.

Um dos maiores ateus da história – Anthony Flew – abandonou essa posição no final da sua vida.¹³ O argumento que o convenceu foi exactamente o Princípio Antrópico.



Seguindo o seu compromisso vitalício de “ir aonde a evidência o levar”, ele afirma que não poderia assumir outra posição senão o abandono do seu ateísmo.

Recusando a simplicidade

O que significa esta descoberta? Pode parecer-nos óbvia a conclusão e não necessitar de mais discussão. Afirmamos que esta descoberta nos indica que o Universo foi de alguma forma “projectado” exactamente para abrigar vida, o nosso tipo de vida.

Mas mesmo assim, um grupo de cientistas resiste à conclusão óbvia da existência de um Criador ou de um “Designer” de um Universo tão bem ajustado.

Esses cientistas propõem outras duas explicações: “pura sorte” ou os chamados “universos múltiplos”.

A primeira suposta explicação para o Princípio Antrópico é: “pura sorte” – dado que estamos aqui e nos estamos a colocar estas questões – isso demonstra que, por pura sorte, as constantes da Natureza se ajustaram para permitir a vida. Ou seja, somos o produto de pura sorte.

Se pensarmos bem, trata-se de um argumento extremamente débil, com um nível de probabilidade incrivelmente baixo.

A outra rota de escape dos cientistas que se recusam a aceitar onde o progresso da Ciência nos está a levar, é a teoria dos universos múltiplos (*Multiverses*).

Como acontece, por vezes, em modelos matemáticos, as equações da cosmologia admitem soluções que não correspondem à realidade que observamos.¹⁴

Uma dessas soluções aparentemente sem significado leva à premissa de que existe uma infinidade de universos.

Aceitando essa solução de duvidosa interpretação, afirmam que, de entre os quase infinitos universos, haveria um – o nosso – em que as constantes da física teriam assumido os valores que favorecem a vida.

Esta é uma boa porta de entrada para filosofias místicas da Nova Era, que estão bem longe do que é a Ciência respeitada e aplicada com método sério.

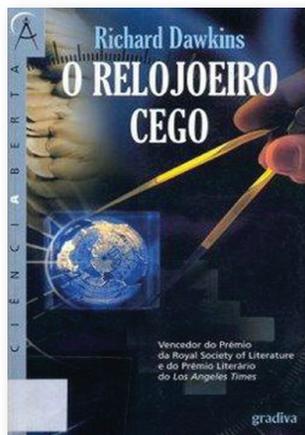
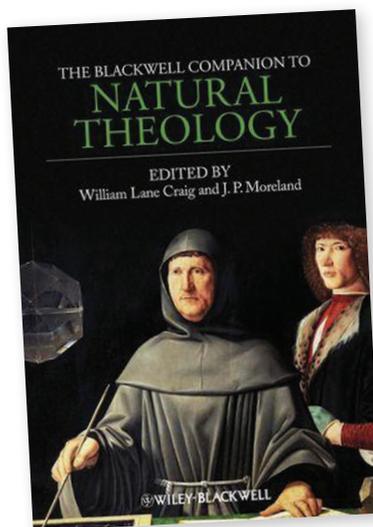
Esta interpretação viola um princípio científico, chamado o “princípio da navalha de Occam”. Este princípio, que tem sido extremamente útil no desenvolvimento da Ciência, afirma que “quando há uma variedade de explicações possíveis, a Ciência deve seleccionar aquela que necessite de menor número de suposições” ou, como Carl Sagan recomenda – “diante de duas hipóteses que expliquem igualmente bem um fenómeno, devemos escolher a mais simples”.

Como escreveu o físico Stephen Barr: “Parece que, para abolir um Deus inobservável, é preciso uma infinidade de substitutos inobserváveis.”¹⁵

3 – O “Design” Inteligente – Argumentos da Biologia

Recorrendo ao conceito da navalha de Occam, apresentado na secção anterior, surgiu logo no início do Sec. XIX o “Argumento do Relojoeiro”. Esta ideia foi apresentada por William Paley, um teólogo anglicano no seu livro *Natural Theology* (Teologia Natural), publicado em 1802.

O argumento é extremamente simples: “Imagine que está a caminhar na Natureza e que, de repente, entre as folhas caídas, as pedras e ramos das árvores, no chão encontra um relógio. Qual a explicação para o facto de



aquele relógio estar ali? De onde é que ele surgiu?”

Paley argumenta que, obviamente, houve um relojoeiro que fabricou aquele relógio.

Richard Dawkins, no seu livro *O Relojoeiro Cego*, esforçou-se por demonstrar que Paley estava errado e que o processo de selecção natural descrito pela teoria da evolução gera a aparência de que algo necessitou de um relojoeiro, quando esse não é o caso.

Não é à toa que a maioria do público (45% dos americanos adultos¹⁶) não se deixa convencer por argumentos como os apresentados por Dawkins, por mais elaborada que seja a sua apresentação ou maior aparência de sofisticação que tenham.

Neste momento, vou apenas limitar-me a apontar três aspectos importantes que a teoria da evolução não consegue explicar. A consideração destas limitações deveria levar os proponentes desta teoria a serem mais realistas em relação ao seu verdadeiro poder de explicação.

a) Início da vida

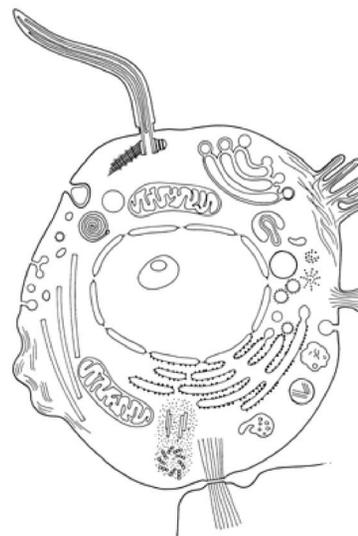
A teoria da evolução não consegue explicar o início da vida. Na verdade, nem sequer chegou perto de tentar, até ao momento.

A experiência de Stanley Miller, realizada em 1953, foi completamente desacreditada, e, hoje, o consenso científico sobre este assunto é ecoado pela declaração do biólogo Franklin Harold de que este tema é “um dos mistérios não resolvidos pela Ciência”.¹⁷

b) Complexidade das Células

“A célula viva mais simples é uma das estruturas mais complexas da Terra. [...] A célula, por outras palavras, revela a assinatura visível do design. [...] É aceitável especular que combinações aleatórias de elementos químicos possam ter produzido algo tão admiravelmente complexo e funcional?”¹⁷

Nas palavras do próprio Richard Dawkins: “Por mais improvável que pareça a origem da vida, porque estamos aqui, deve ter



acontecido dessa forma.”¹⁹ É preciso muita fé para acreditar em algo deste género.²⁰

c) Consciência

A consciência é a faculdade que torna o mundo compreensível para nós.

Parece incrível que átomos de hidrogénio, carbono, oxigénio e assim por diante possam, de algum modo, produzir a nossa capacidade de perceber e vivenciar o mundo ao nosso redor.

A teoria da evolução não possui uma explicação para a emergência desta faculdade.

O cientista cognitivo Steven Pinker admite não haver explicação: “Quase nada se sabe sobre o microcircuito que funciona no cérebro [...]. A existência da experiência subjectiva da primeira pessoa não é explicável pela Ciência.”²¹

Alguns, como Daniel Dennett – mais uma vez violando os princípios da Ciência – declaram que a consciência é apenas uma ilusão. Falaremos disto em artigos futuros.

E a lista de lacunas da teoria da evolução poderia continuar, incluindo ainda, por exemplo, a incapacidade da teoria da evolução para explicar a origem da moralidade humana.

A versão moderna do darwinismo defende não apenas que o relógio encontrado é produto do acaso, mas também que toda uma fábrica de relógios surgiu do nada e produz grande quantidade de relógios de complexidade inimaginável.

Torna-se difícil sequer argumentar, uma vez que estamos demasiado distantes do que é razoável assumir que a teoria da evolução possa explicar.

Conclusão

Ficou claro com esta exposição que há uma grande diferença entre o que a Ciência investiga e a transformação dessa investigação em filosofias (alguns chamar-lhes-iam autênticas religiões).

O caso mais evidente é a diferença entre a **teoria da evolução** – que nalguns aspectos está bem estabelecida, apesar de ter limites bem claros em relação ao seu poder explicativo²² (micro evolução) – e o **darwinismo**.

“A evolução é uma teoria científica, enquanto que o darwinismo é um **ponto de vista metafísico** e uma **ideologia política**. Na verdade, o darwinismo é a versão ateísta imposta à teoria da evolução.”²³

A crença num Deus Criador, à luz da Ciência actual, não é um absurdo. Como demonstramos neste artigo é, pelo contrário a resposta racional daqueles que não possuem nenhuma agenda para defender e não estão comprometidos filosoficamente com nenhum “ismo”.

Quanto mais investigarmos, mais vamos encontrar facetas maravilhosas da criação do grande Designer do Universo.

“Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das Suas mãos” (Salmo 19: 1). ■

Miguel Mateus

Engenheiro em
Electrotecnia –
Telecomunicações
e Electrónica
Mestre em
Investigação
Operacional
Grau de MBA –
Master in Business
and Administration

Referências

1. Subtítulo do livro *A Verdade Sobre o Cristianismo*, em que se baseia esta série de artigos, por Dinesh D’Souza, sem edição portuguesa e com edição brasileira de “Thomas Nelson Brasil”.
2. Baseado no Livro “*What’s So Great About Christianity*”, também disponível em edição brasileira, *A Verdade Sobre o Cristianismo – Porque a Religião Criada por Jesus é Moderna, Fascinante e Inquestionável*, por Dinesh D’Souza.
3. Ver, a respeito da frase “A Hipótese de Deus”, o primeiro artigo desta série, publicado na Revista Adventista de Outubro de 2008.
4. Dinesh D’Souza, *op. cit.*, p. 138.
5. Ver, a este respeito, o primeiro artigo desta série publicado na Revista Adventista de Outubro de 2008, onde existe uma secção chamada “Quem tem Medo do Big Bang?”.
6. De acordo com as teorias mais recentes, mas ainda bastante preliminares, esta força será responsável pela aceleração da expansão do Universo que não consegue ser explicada através das restantes forças conhecidas. Um tema a seguir com interesse.
7. Dalai Lama, *The Universe in a Single Atom*, 2005.
8. Ver, a este respeito, o artigo desta série, publicado na Revista Adventista de Abril de 2010.
9. Carl Sagan, *A Pale Blue Dot*.
10. Apresentado em detalhe no livro de John Barrows e Frank Tipler, *The Anthropic Cosmological Principle*, (O Princípio Cosmológico Antrópico).
11. Paul Davies, *A Mente de Deus: A Ciência e a Busca do Sentido Último*, 1994.
12. *Apenas Seis Números*, Martin Rees, 2000
13. Anthony Flew, *Um Ateu Garante – Deus Existe – As Provas Incontestáveis de um Filósofo que Não Acreditava...*
14. Exemplos mais prosaicos e bem conhecidos seriam os números imaginários (raiz quadrada de um número negativo) ou soluções de equações quadráticas que não têm interpretação no fenómeno físico que deu origem à equação.
15. Stephen Barr, *Modern Physics and Ancient Faith*, 2003, (A Física Moderna e a Fé do Passado).
16. Sondagem de opinião Gallup realizada em 2001.
17. Franklin Harold, *The Way of the Cell: Molecules, organisms and the Order of Life*, 2001.
18. Dinesh D’Souza, *A Verdade Sobre o Cristianismo*, p. 173.
19. Richard Dawkins, *A Desilusão de Deus*, ou, na versão brasileira, “Deus, Um Delírio”.
20. Dinesh D’Souza, *op. cit.*, p. 173.
21. Steven Pinker, *Como a Mente Funciona*.
22. Em relação aos limites da teoria da evolução, sugerimos o livro de Michael Behe *The Edge of Evolution*, (A Fronteira da Evolução)
23. Dinesh D’Souza, *op. cit.*, p. 178.



OS CRÍTICOS E A INTEGRIDADE DOS PROFETAS

Os registros da história sagrada revelam que, em muitas ocasiões e circunstâncias, a integridade dos profetas foi posta à prova e investigada por inúmeras pessoas imbuídas do propósito de criticar, censurar e condenar o exercício desse ofício sagrado.

Entre os muitos exemplos de profetas bíblicos que foram alvo de críticas, destacamos os seguintes:

Jesus – “Os judeus responderam, dizendo-Lhe: Não Te apedrejamos por alguma obra boa, mas pela blasfêmia; porque, sendo Tu homem, Te fazes Deus a Ti mesmo” (João 10:33).

“Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não só quebrantava o Sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-Se igual a Deus” (João 5:18).

“E muitos deles diziam: Tem demónio, e está fora de Si; porque O ouvís?” (João 10:20).

“E os judeus maravilhavam-se, dizendo: Como sabe este letras, não as tendo aprendido?” (João 7:15).

Sou um homem mudado. Nunca mais serei o mesmo. – Vincent Ramik



Moisés – “E se congregaram contra Moisés e contra Aarão, e lhes disseram: De mais é já, pois que toda a congregação é santa, todos eles são santos, e o Senhor está no meio deles: porque, pois, vos elevais sobre a congregação do Senhor?” (Núm. 16:3).

Jeremias – “Então falou Azarias, filho de Hosaías, e Joanan, filho de Careá, e todos os homens soberbos, dizendo a Jeremias: Tu dizes mentiras; o Senhor, nosso Deus, não te enviou a dizer: Não entreis no Egipto, para lá peregrinardes; Baruque, filho de Nerias, é que te incita contra nós, para nos entregar na mão dos caldeus, para eles nos matarem, ou para nos transportarem para Babilónia” (Jer. 43:2, 3).

Paulo – “E, dizendo ele isto em sua defesa, disse Festo em alta voz: Estás louco, Paulo; as muitas letras te fazem delirar” (Actos 26:24).

“E, não os achando, trouxeram Jason e alguns irmãos à presença dos magistrados da cidade, clamando: Estes, que têm alvoçado o mundo, chegaram também aqui” (Actos 17:6).

“E bem vedes e ouvís que, não só em Éfeso, mas até quase em toda a Ásia, este Paulo tem convencido e afastado uma grande multidão, dizendo que não são deuses os que se fazem com as mãos. E não somente há o perigo de que a nossa profissão caia em descrédito, mas também de que o próprio templo da grande deusa Diana seja estimado em nada, vindo a majestade daquela, que toda a Ásia e o mundo veneram, a ser destruída” (Actos 19:26, 27).

Todos os exemplos citados acima revelam, de modo convincente que, nas mais variadas épocas, os profetas bíblicos (canónicos) tiveram que aprender a conviver com as adversidades do espírito crítico. A sua integridade foi constantemente provada em diferentes circunstâncias e experiências.



E quanto aos profetas modernos? Ellen G. White, por exemplo? Foi ela alvo de críticas por parte dos seus adversários? Foi a sua integridade pessoal, bem como a integridade dos seus escritos, provada durante os

setenta anos do seu ofício profético?

Actualmente, alguns críticos dentro e fora da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) escrevem livros, artigos e matérias na internet com o propósito de questionar o ministério profético de Ellen G. White. De acordo com o Dr. Jemison¹, as críticas mais comuns dizem respeito às seguintes questões: a) desordem nervosa; b) falsos ensinamentos; c) plágio; d) profecias não cumpridas e e) aspectos da vida pessoal.

Razões para críticas – Quando analisamos mais detidamente o assunto, verificamos que as mesmas críticas dirigidas aos profetas bíblicos foram direccionadas a Ellen G. White, o que revela um paralelismo entre ambas as realidades, em circunstâncias e épocas completamente diferentes. Muitas críticas dirigidas a ela manifestam-se numa cadência cíclica. As acusações levantadas, hoje, não são novas. De facto, tiveram início no começo do ministério dela e continuaram ao longo da sua vida. E muitas delas persistem mesmo após a sua morte.

Quando uma nova geração entra em cena, os críticos suscitam temas antigos – algumas vezes com novas roupagens. Essas gerações, inconscientes de que se trata de “temas antigos” e de que já foram completamente respondidos no passado, muitas vezes se assustam e se julgam enganados. Alguns vão mais longe: ao negar a sua crença em Ellen White como profetisa genuína, acabam por abandonar a Igreja.

De acordo com o Dr. Herbert E. Douglass², há pelo menos sete motivos tidos como principais agentes causadores das críticas e acusações à vida e obra de Ellen G. White: 1) os que rejeitam qualquer pessoa que afirme ser um profeta moderno, inclusive Ellen G. White; 2) os que deixam de utilizar as regras de interpretação básicas e comumente aceites; 3) os que confiam em rumores e boatos sem nenhuma evidência documental para as suas alegações; 4) os que vêem mudanças editoriais nos escritos de um profeta e lhes chamam “supressões”; 5) os que ficam perturbados com a aparente dependência literária; 6) os que carregam consigo pressuposições pessoais sobre a maneira de um profeta actuar (acreditam, por exemplo, que os profetas “devem ter um conhecimento completo” desde o início do seu ministério; as suas predições devem ser inalteráveis; os seus escritos têm que estar isentos de erros, discrepâncias e equívocos, e jamais incluir fontes não inspiradas; para eles, os profetas nunca expressam opiniões meramente pessoais nos seus escritos); 7) os que aceitam Ellen White como escritora devocional inspirada, mas rejeitam o seu ministério teológico.

Os mais acirrados críticos de Ellen G. White apegam-se normalmente a um ou dois itens desta lista. Na visão do Dr. Coon³, “de todos os assuntos considerados 'problemas', talvez dois deles tenham causado mais impacto para destruir a confiança na credibilidade de Ellen G. White como profetisa do Senhor: 1) pôr em dúvida afirmações de natureza científica, que motivaram sarcasmo e dúvidas por parecerem contrárias à forma como a Ciência vê esses assuntos hoje e 2) alegação de plágio”.

Portanto, pode-se notar que grande parte das críticas direccionadas a Ellen G. White tem a sua raiz ligada à questão da dependência literária, ou seja, plágio. De acordo com o dicionário

rio⁴, a palavra plágio indica uma “cópia fraudulenta do trabalho de outrem que um autor apresenta como sua”.

Neste ponto, é de vital importância diferenciar tecnicamente dois termos: *plágio* e *empréstimo literário*. É necessário fazer distinção entre *plágio* (que Ellen G. White não cometeu) e “*empréstimos literários*” (prática adoptada por ela e usada repetidamente pelos escritores da Bíblia). A seguir, apresentamos uma breve distinção entre estes termos.

Plágio – Na concepção do Dr. Roger Coon⁵, há plágio quando um escritor toma propositadamente o material literário de outro escritor e o transforma para seu próprio uso (tipo de “apropriação” literária). Tal atitude visa a persuadir o leitor de que ele – o “copiador” – é na verdade o criador original dessas palavras e ideias. Em suma, plágio é uma literatura mascarada no que diz respeito à identificação do verdadeiro autor.

Empréstimo literário – O empréstimo literário existe quando um escritor utiliza as ideias (às vezes, até a fraseologia) de outro escritor para reforçar um determinado aspecto, a fim de salientar uma ideia no seu texto. Sendo assim, de acordo com as leis literárias, a prática do empréstimo literário não constitui plágio.

Muitos insinuam que grandes porções dos escritos de Ellen G. White são produto da mente e da literatura de outras pessoas. Partindo dessa premissa, perguntamos: Terá esta acusação algum fundamento? A seguir, apresentaremos alguns argumentos que refutam essas insinuações. Em 1981, a Igreja Adventista do Sétimo Dia deu “luz verde” a uma análise técnica, após sucessivas acusações quanto à prática de plágio nos escritos de Ellen G. White.

Então, a Conferência Geral contratou os serviços de um advogado especialista em leis de direitos autorais, o Dr. Vincent Ramik, a fim de saber se Ellen G. White era ou não culpada de tais denúncias. Primeiramente, Ramik foi informado de todas as acusações contra Ellen G. White e foram-lhe passados todos os documentos de defesa preparados pela Igreja, bem como os livros de Ellen G. White que eram objecto de acusações de plágio. Na sua primeira leitura, Ramik ficou inicialmente inclinado em favor da posição dos críticos. Mas, depois de investir cerca de trezentas horas no estudo de mais de mil casos de lei literária norte-americana (1790-1915), Coon descreveu o processo de análise do Dr. Ramik⁶ da seguinte maneira: a) Ele também dedicou tempo considerável à leitura dos livros de Ellen White, especialmente *O Grande Conflito*; b) apesar de Ramik ser um católico romano por persuasão religiosa, ele não se sentiu ofendido nem afrontado pelas referências no *Grande Conflito* em relação à instituição do papado.

O Dr. Ramik obteve os resultados das suas análises após algumas semanas de intenso trabalho e estudo. Então, preparou um documento com cerca de 50 páginas. Eis uma síntese das suas conclusões:

a) Ellen White não pode ser acusada de plagiadora; “tal afirmação não procede”.

b) Creio que os críticos perderam uma grande oportunidade de focalizar a sua atenção nas mensagens de Ellen G. White, em vez de focar apenas nos seus escritos.

c) Ellen White usou escritos de outros autores, mas a maneira como o fez foi única e pessoal, de forma ética e legal. Portanto, ela está dentro dos padrões legais “do uso correcto” de materiais de outros autores.

d) Ellen White (usou)... palavras, frases, sentenças, parágrafos, sim, e mesmo páginas dos escritos de outros autores. Porém, ela permaneceu dentro dos parâmetros legais e em todo o tempo ela criava algo que era substancialmente maior (e ainda mais belo) do que a soma das partes dos conteúdos do seu *empréstimo literário*. E penso que a tragédia maior é que os críticos deixaram de ver esse detalhe.

e) No fim do processo, o advogado deu o seu testemunho pessoal sem que tenha sido solicitado a fazê-lo: “Sou um homem mudado. Nunca mais serei o mesmo.” – Vincent Ramik*

Além do estudo conduzido por Ramik, destacamos a pesquisa feita pelo Património Literário Ellen G. White, que se tornou conhecida como “Projecto Surpresa”.⁷ No mesmo ano de 1981, Tim Poirier, arquivista do Património White, recebeu uma colecção completa de todos os escritos de Ellen White publicados em inglês. Ao recebê-los, foi-lhe solicitado que: a) Tomasse nota, nas margens, de todas as referências aos conteúdos de autores citados por Ellen White, trechos evidentes ou paráfrases; e b) reunisse todas as descobertas dos críticos de Ellen G. White (plágio), para serem avaliadas. O objectivo dessa tarefa era descobrir paralelos literários entre os escritos dela e os dos outros autores. O “Projecto Surpresa”, concluído em cinco anos, foi designado dessa maneira porque não importava o quanto fosse encontrado. Se Ellen White tivesse tomado emprestado, muito ou pouco, isso, sem sombra de dúvidas, seria uma “surpresa”

Possíveis razões para o uso

De acordo com Roger Coon⁸, podemos destacar pelo menos cinco razões pelas quais Ellen G. White teria feito uso de empréstimos literários nos seus escritos:

- 1. Para ajudá-la a expressar melhor as ideias e verdades reveladas em visões** – a) Educação formal limitada (conforme declarações do filho William C. White); b) Quantidade limitada de tempo disponível para escrever a visão total do seu ministério.
- 2. Acrescentar alguns detalhes que não lhe foram dados em visão** – a) Ela obrigava-se a si mesma a fazer pesquisas após as visões, para aprimorar o texto. Ex.: Detalhes históricos, geográficos, cronológicos, etc.; b) Ela usou materiais históricos para ilustrar e não para provar (intenção).

para alguns da Igreja. Em 1986, Poirier apresentou o relatório da sua pesquisa, cuja síntese revelou o seguinte:

- A maior percentagem de empréstimos literários foi encontrada no livro *O Grande Conflito* – 20,16%.
- No livro *Sketches From the Life of Paul* (Relatos da Vida de Paulo) – 12,23%.
- No restante dos livros incluídos nesse estudo, foram encontrados 2% ou menos, do total de empréstimos literários (ver o quadro).

As conclusões de Poirier lançaram por terra as declarações públicas de um dos maiores críticos de Ellen G. White quanto à questão de plágio, o Dr. Walter Rea, autor do livro *The White Lie*. Nessa obra, ele afirma que ela tinha usado cerca de 80 a 90% de empréstimos literários.

Conclusão – Na perspectiva do Dr. Pfandl⁹, “Ellen White lia muito. Além disso, tinha memória retentiva (fotográfica), o que significa que frequentemente ela usava conteúdos de materiais que tinha lido sem se reportar à sua biblioteca para encontrar a fonte exacta de onde ela tinha retirado tal *empréstimo literário*”. Ainda assim, Deus revelara-lhe “que ao ler os livros e periódicos religiosos, ela encontraria gemas preciosas de verdades expressas numa linguagem aceitável e que ela receberia auxílio celestial para reconhecê-los e separá-los dos resíduos de erros que por vezes pudesse encontrar”.¹⁰

Ao enfatizar a importância do uso de ideias de outros pensadores no livro *O Desejado de Todas as Nações*,¹¹ ela afirmou: “O mundo tem tido os seus grandes ensinadores, homens com grandes cérebros e dotados de admirável capacidade de inves-

tigação, homens cujas declarações têm estimulado o pensamento e aberto à visão vastos campos de conhecimento; e estes homens têm sido honrados como guias e benfeitores da sua raça. Alguém existe, porém, que os supera a todos. 'A todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus.' 'Ninguém jamais viu Deus; o Deus unigénito, que está no seio do Pai, é quem O revelou' (João 1:12, 18). Podemos seguir os passos dos grandes homens do mundo até onde se estende o registo da história humana; a Luz, porém, existia antes deles. Tal como a Lua e as estrelas do nosso sistema solar brilham pelo reflexo da luz do Sol, assim o que há de verdadeiro nos ensinamentos dos grandes pensadores do Mundo, reflecte os raios do Sol da Justiça. Todo fulcro do pensamento, todo o lampejo do intelecto, provém da luz do mundo.”

Em vez de tentar esconder as fontes literárias de onde efectuava os seus empréstimos, Ellen G. White muitas vezes recomendava que as pessoas lessem os livros que ela utilizava para compor o conteúdo dos seus escritos. Dessa forma, podemos inferir que a sua obra como autora estava em comum acordo com os costumes da sua época. Como vimos, ela não quebrou nenhuma das regras de direitos autorais e a sua conduta como autora foi moralmente correcta e ética.

Podemos afirmar que, durante os setenta anos de ofício profético, Ellen G. White jamais teve a intenção de enganar ninguém ao fazer empréstimos literários. Isso não afecta a sua integridade nem põe em descrédito a genuína inspiração que a capacitou a ser considerada a *Mensageira do Senhor*. Podemos ressaltar que o seu propósito foi sempre comunicar a Verdade a fim de exaltar e glorificar a Deus e conduzir leitores aos pés de Jesus Cristo. ■

Renato Stencil

Director do Centro White-Brasil,
em Engenheiro Coelho, SP.

de “empréstimo literário”

- 3. Embelezar os elementos literários com pérolas bonitas de pensamento**
– a) Razões estéticas: beleza pelo seu próprio objectivo; b) Razões de respeito: para honrar a Deus; c) Razões psicológicas: como dispositivo pedagógico para impressionar a memória.
- 4. Explicar as posições doutrinárias da IASD para o nosso povo** – a) Relatos da situação das Conferências Sabáticas de 1848-50 foram entendidos em consenso; b) Todos contribuíram e sentiram-se livres para os usar posteriormente.
- 5. Possível exercício do subconsciente de eventual memória fotográfica de Ellen White** – a) Durante a semana, ela lia artigos de vários autores; b) No Sábado, falando de modo improvisado, sem anotações, ela reflectia sobre algumas das verdades expressas por outros autores não inspirados.

Bibliografia

- 1- T. H. Jemison, *A Prophet among you*. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1955, p. 413.
- 2- H. E. Douglass, *Mensageira do Senhor*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, p. 468.
- 3- R. Coon, *Ellen G. White e “empréstimos literários”*: A questão do plágio. Apostila do Curso de Mestrado em Teologia do SALT/SUL para a disciplina de Escritos de Ellen G. White. (Org.) Renato Stencil: Engenheiro Coelho, SP, p. 116.
- 4- Priberam, *Dicionário da Língua Portuguesa* on-line: http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx.
- 5- Coon, pp. 116, 117.
- 6- *Ibidem*, p. 122.
- 7- *Ibidem*, p. 122.
- 8- *Ibidem*, p. 123.
- 9- G. Pfandl, *The gift of prophecy – The role of Ellen White in God's remnant church*, Nampa, ID: Pacific Press Publishing Association, 2008, p. 86.
- 10- E. G. White, *Brief statement regarding the writings of Ellen G. White*, reedição (St. Helena, Calif.: Elmhaven Office of the Ellen G. White Estate, 1935). Citado por Pfandl, G., op. cit., p. 86.
- 11- E. G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, ed. Publicadora SerVir, 2004, pp. 396.

* Para aqueles que desejarem obter uma síntese do processo de condução do estudo e elaboração do documento do Dr. Vincent Ramik, queiram reportar-se ao periódico *Adventist Review* de 17 de Setembro de 1981, ou baixá-lo pelo seguinte site: <http://www.adventistarchives.org/docs/RH/RH1981-38/index.djvu>

Dispensa de Aulas ao Sábado

O Departamento de Comunicação e Liberdade Religiosa da UPASD lembra a todos os Alunos, Pais e Encarregados de Educação que, caso desejem prevenir a eventualidade de marcação de aulas e exames ao Sábado no próximo ano lectivo, deverão entregar no momento da matrícula uma Declaração de membro de Igreja ou de manifestação de acordo com os princípios da Igreja, no caso de não serem ainda baptizados.

No momento dessa entrega, poderão ainda pedir que essa declaração seja tida em consideração no momento da elaboração dos horários, para que seja mais fácil a colocação dos alunos adventistas em horários da manhã e, no caso dos alunos universitários, a marcação de testes e exames ao Sábado.

Esta medida preventiva tem vindo a mostrar-se útil, sendo muito reduzido o número de alunos que têm problemas no início do ano escolar, em comparação com aqueles que não a realizam.

Um bom final de ano e boas férias escolares!

Desejo Realizado... como pérolas para Deus

Não nasci, nem cresci segundo a Educação Adventista, mas, quando conheci a mensagem, tive o desejo de saber as historinhas da Bíblia como eram contadas às crianças. Mas isso ficou para mais tarde...

Em Setembro de 2009 comecei a contar às crianças da Oficina de Talentos (grupo do Pré-Escolar) as histórias d' "O mundo maravilhoso da Bíblia para crianças" (Lessa, Charlotte F.; Cardozo, João L., 2001). Ao preparar a Meditação não me cinjo apenas à leitura da história, mas procuro saber mais; por isso, tenho aprendido bastante. Deus conhecia este meu desejo e respondeu, mais uma vez, de forma espantosa e muito prática, não quando eu queria, mas no momento que Ele considerou mais oportuno.

No dia 25 de Março de 2010 contei a história "Um Novo Céu e uma Nova Terra" (Apocalipse 21) e, ao descrever a Cidade Santa com todas as pedras preciosas e tudo de bom que lá vai existir, devo ter mostrado tal entusiasmo que uma das crianças perguntou: "Quando é que vamos para o Céu?" Pois é, o dia e a hora ninguém sabe, apenas o Nosso Pai. Mas podemos ter a certeza de que Ele está a preparar um presente maravilhoso para todos aqueles que vencerem. Eu quero lá estar, viver com Jesus, falar com Ele, abraçá-l'O e encontrar todas as "minhas" crianças. Vai ser uma felicidade. Depois da recapitulação da história do dia refiro o título da próxima para causar alguma curiosidade nas crianças. "Vem, Senhor Jesus!" (Apocalipse 22) é a história que se segue, e a última desta Bíblia para Crianças. Então, a mesma criança pergunta "Ainda falta muito?" Vamos saber isso no próximo dia, respondi.

Que Deus me continue a ajudar a contribuir para a formação destas crianças e a deixar transparecer o amor que sinto por Jesus. Foi muito bom, quando, há umas semanas, uma criança exclamou: "A Lena gosta muito de Jesus", e eu afirmei: "Sim, gosto muito de Jesus. Ele é o meu melhor amigo." Se conseguirmos transmitir esse amor às crianças estaremos a fazer um excelente trabalho para Deus e elas próprias vão sentir o desejo de ter Jesus como seu melhor amigo. "Na infância, o espírito é facilmente impressionado e amoldado, e é então que os meninos e meninas devem ser ensinados a amar e honrar a Deus (...) Podem dilatar o coração na confiança e amor a Jesus, e viver para o Salvador." – (Ellen G. White, *Orientação da Criança*, p. 486).



IGREJA
ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

União Portuguesa dos
Adventistas do Sétimo Dia

DECLARAÇÃO

A lei n.º 16/2001 dispõe, no seu art.º 14.º, o seguinte:

1. "Os funcionários e agentes do Estado e demais entidades públicas, bem como os trabalhadores em regime de contrato de trabalho, têm o direito de, a seu pedido, suspender o trabalho no dia de descanso semanal, nos dias das festividades e nos períodos horários que lhes sejam prescritos pela confissão que professam, nas seguintes condições:
 - a) Trabalharem em regime de flexibilidade de horário;
 - b) Serem membros de igreja ou comunidade religiosa inscrita que enviou no ano anterior ao membro do Governo competente em razão da matéria a indicação dos referidos dias e períodos horários no ano em curso;
 - c) Haver compensação integral do respectivo período de trabalho.
2. Nas condições previstas na alínea b) do número anterior, são dispensados da frequência das aulas nos dias de semana consagrados ao repouso e culto pelas respectivas confissões religiosas os alunos do ensino público ou privado que as professam ressalvadas as condições de normal aproveitamento escolar.
3. Se a data da prestação de provas de avaliação dos alunos coincidir com o dia dedicado ao repouso ou ao culto pelas respectivas confissões religiosas, poderão essas provas ser prestadas em segunda chamada, ou em nova chamada, em dia em que se não levante a mesma objecção."

Assim, e para efeitos de aplicação do acima referido declara-se que

_____, portador do BI n.º _____, emitido em _____, pelo Arquivo de Identificação de _____, é membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, de _____, integrada na União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, Igreja registada no Registo de Pessoas Colectivas Religiosas sob o número 87/20050506, e com o número de Identificação de Pessoa Colectiva Religiosa 592001350, que tem como dia de descanso semanal o Sábado, que se inicia ao pôr-do-Sol de Sexta-feira e termina ao pôr-do-Sol de Sábado.

_____, _____ de _____ de 200__

O Pastor,

Presidência

Rua Joaquim Bonifácio, 17
1169-150 Lisboa
Tel. +351 213 510 910
Fax +351 213 510 929
presidencia@adventistas.org.pt

<http://www.adventistas.org.pt>

NIPC# 592 001 350

Helena Colaço
Oficina de Talentos

Ponta Delgada

E o Céu testemunhou com grande alegria...

A Igreja Adventista do Sétimo Dia de Ponta Delgada foi palco de um maravilhoso acontecimento, a entrega de dois jovens a Cristo através do baptismo, perante toda a congregação da referida igreja e todos os amigos que ali se deslocaram para esta festa espiritual. Ficará registado por toda a eternidade que no dia 13 de Março de 2010, às 16h00, o Sérgio Cordeiro e o Fernando Miguel decidiram selar, através da água, uma aliança com Deus já anteriormente contraída. O céu testemunhou e acompanhou com muita alegria toda esta dinâmica espiritual vivida, pois existe “mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento” (cf. Lucas 15:7). Num mundo onde a juventude se vai perdendo diariamente, existem ainda jovens valorosos que decidem levantar bem alto a bandeira de Jesus, não tendo vergonha de declararem publicamente o seu amor pelo Salvador.

Que Deus abençoe estes dois jovens e os fortaleça, para que possam andar nos caminhos do Altíssimo todos os dias da sua vida, “não se desviando nem para a direita nem para a esquerda” (cf. Josué 1:7)

Que Deus dê a determinação necessária às suas famílias para os poderem auxiliar no seu crescimento de fé.

Que Deus dê à igreja de Ponta Delgada e da Lomba de São Pedro a sabedoria do alto para poder apascentar estes cordeirinhos de Deus.

No final deste baptismo, em resposta ao apelo feito, oito pessoas decidiram estudar a Bíblia a fim de poderem dar este passo decisivo da sua vida. Louvado seja o Senhor por isso.

Paulo Neves

Pastor das Igrejas de Ponta Delgada e Lomba de São Pedro



Sangalhos

Esperando no Senhor



A saudade e a recordação ficarão para sempre na lembrança de todos aqueles que conviveram com o irmão António Santiago.

Logo que aceitou a Mensagem, no Verão de 1962, o irmão Santiago começou a fazer trabalho missionário e podemos dizer que nunca mais parou. Repousou no

Senhor no dia 20 de Junho de 2009.

Pela sua disponibilidade, zelo, dedicação e amor à obra, este irmão sempre será lembrado como um soldado do Senhor.

Os irmãos de Sangalhos, familiares e amigos aguardam o reencontro, pois temos a Sua promessa: “Bem-aventurados os mortos que desde agora morem no Senhor... descansarão dos seus trabalhos, pois as suas obras os acompanharão.”

A secretária de igreja
Susana Riça

Quarteira

Baptismos

No dia 16 de Janeiro do corrente ano, a nossa comunidade de crentes residente na bonita cidade da Quarteira, viveu momentos inesquecíveis. Por gentileza da igreja de Faro, tivemos a oportunidade e o privilégio de ver o poder de Deus em transformar vidas e levar aqueles por quem Cristo morreu a aceitá-l'O como seu único

Salvador pessoal. Foi exactamente isso que se passou com as nossas estimadas irmãs Fátima Dias e Elia Carmo, que, nesse belo Sábado, testemunharam publicamente a sua fé em Jesus.

Gostaria de contar, em síntese, a experiência da irmã Elia Carmo que, há cerca de quarenta anos, na missão Adventista do Bongo, recebeu de um jovem Pastor estagiário uma Bíblia como oferta. Esse livro foi guardado e, apesar dos muitos anos, a semente lançada naquela ocasião continuou no coração da nossa querida irmã. Neste lindo dia do Senhor, o Pr. Daniel Martins teve a alegria de baptizar. Também tivemos, neste Sábado de emoções, a ordenação do nosso irmão Clemildo Santos ao ancianato, desejando que o Senhor Deus o abençoe muito no seu novo ministério.



Uma palavra de agradecimento ao Director da nossa região, não só pela bonita mensagem que nos apresentou, como pela sua dedicação e renovado interesse pela nossa igreja. Agradecemos, sobretudo, ao Senhor a presença dos nossos irmãos e visitas, que connosco participaram nos momentos tão especiais vividos nesse terceiro Sábado deste novo ano.

Semana de Oração J.A.

Na última semana do mês de Março, a igreja da Quarteira viveu uma experiência muito bonita, a Semana de Oração JA. O convidado especial foi o pastor José Lagoa, Director da Região Eclesiástica Sul. O tema geral foi “o Santuário”, que muito entusiasmou a igreja e, claro, os nossos jovens.

Foi fascinante recordar o que Deus disse ao Seu servo Moisés: “E Me farão um santuário, e habitarei no meio deles” (Êx. 25:8). O santuário deveria ser dedicado a um propósito especial, separado de tudo o que era profano ou mundano, um lugar santo onde Deus se manifestaria.

Cada noite, o orador apresentava um elemento específico do santuário, mas o mais interessante de tudo é que, ao apresentar o já referido elemento, ia ao mesmo tempo construindo um santuário “real”. Isso significa que na Sexta-feira à noite ele tinha o santuário construído.

Nesta bela semana dedicada aos jovens, tivemos a alegria de ver descer às águas baptismas a nossa jovem irmã Talita, que aceitou o desafio de Jesus e olhou para Ele como seu Salvador pessoal. Na noite de Sexta-feira, já Sábado do Senhor, tivemos uma linda cerimónia de Santa Ceia, com a particularidade de cada um dos participantes ir buscar o pão dentro do santuário e o vinho encontrava-se fora do mesmo.

Foram, acredito, momentos bem marcantes para todos.

Estimado leitor, agradecemos as vossas orações pelas igrejas do Algarve, e pela Quarteira, em particular.

Rúben Martins

Pastor



Avintes

Aliviando a Bagagem

Há muitos momentos que marcam a vida espiritual de um jovem e o fazem repensar

e sentir necessidade de viver em e por Cristo. Uma semana de oração é, sem dúvida, um desses momentos!

Nos passados dias 6 a 13 de Março, os jovens do núcleo de Avintes tiveram a oportunidade de embarcar num voo especial, de lugar reservado, destino bem definido e controlo de bagagens. O piloto era Cristo, o co-piloto o Pr. Alessandro Brackmann e os passageiros, nós próprios.

O tema central era “Aliviando a bagagem” e, diariamente, percorríamos o Salmo 23 e escutávamos de qual bagagem desejava o Bom Pastor libertar-nos, de que modo só Ele nos pode tornar mais leves e aptos a embarcar para um lugar completamente diferente: o Céu!

O medo, culpa, pânico e tantos outros pesos não podem continuar a viagem connosco, o seu lugar é bem atrás das costas. No entanto, o único jugo que nos é permitido levar é o da saudade. Saudade porque o nosso lar não é aqui, porque o nosso Criador nos fez para a eternidade, porque não suportamos mais a maldade, o sofrimento, o pecado que nos envolve e o nosso ser anseia por algo mais elevado, anelamos por Deus!

Este sentimento de busca de intimidade com Deus foi correspondido por uma tocante e vivificante cerimónia de Santa Ceia, na Sexta-feira à noite, à luz das velas, com todos os jovens e irmãos à volta da mesa em que recordámos o sacrifício de Cristo e a Sua obra purificadora por cada um de nós.

Para culminar da melhor forma esta semana, no Sábado, dia 13, e após um maravilhoso almoço de convívio da igreja, tivemos uma marcante cerimónia de investiduras, quer para aqueles que a prepararam e nela tomaram uma parte mais activa, quer para os irmãos que assistiram. Toda a igreja estava decorada de modo especial e de acordo com as actividades dos DESBRAVADORES. A sala enchia-se de um colorido azul proporcionado pelos jovens fardados e a atmosfera era de consagração e desejo de entrega.

O Nelson Ferreira, representante da CRN, apresentou uma interessante meditação acerca do significado das cores e da mensagem que Deus pretende transmitir-nos através delas, uma mensagem de Salvação por Cristo e de busca da Excelência no Seu serviço e ao dispor do nosso próximo!

Foram investidos 2 desbravadores e 2 companheiras e os tições receberam a especialidade de cozinheiro, pela qual têm vindo a trabalhar nos últimos meses.

Que Deus possa abençoar os nossos clubes e as nossas igrejas com um espírito de missão e consagração, para que possamos depositar aos Seus pés os nossos pesados fardos, levar outros à libertação e prosseguir com confiança para a melhor viagem da nossa vida.



Catarina Ferreira

Dpto Comunicações

OS CAMINHOS DE Deus...

JUVENAL GOMES

“Dá-me a Bíblia” é o título do hino 165 do Hinário Adventista. Um hino, se calhar desconhecido, como tantos outros, da maior parte dos membros da nossa igreja. E é pena!

Este hino fala-nos da importância da Bíblia como um livro “tão precioso” cujos ensinamentos são “um sublime gozo e nos conduzem aos pés da cruz”.

O mundo moderno está inundado de livros, de publicações. São milhares e milhares de obras ao nosso dispor, mas nenhuma delas nos oferece, nem de perto, nem de longe, um estudo tão atractivo, tão completo, tão fascinante como a Bíblia. E isto em termos de literatura, de poesia, de histórias de interesse profundamente humano, de profecias que desvendam o futuro, de lições e orientações de conduta moral, de verdades que contribuem para a solução dos problemas que atormentam o coração humano, pelo conforto e paz que a sua leitura produz na nossa alma, pela transformação que opera no coração abatido e sem esperança do ser humano.

Mas a Bíblia oferece-nos muito mais do que isto tudo... O apóstolo Paulo, escrevendo ao seu filho espiritual, dizia: “Tu que desde a tua meninice sabes as sagradas letras que podem fazer-te sábio para a salvação...” E acrescentava: “Toda a Escritura, divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda a boa obra” (II Timóteo 03:15-17).

E o apóstolo Pedro vai ao ponto de afirmar que a Palavra de Deus é mais firme, mais segura, do que os nossos sentidos. Ele diz que foi testemunha, com outros, da declaração que Deus fez a respeito do Deus Filho: “Este é o Meu Filho amado em Quem me comprazo”. E ouvimos esta voz, dirigida do Céu, estando nós com Ele no Monte Santo”. Mas, acrescenta: “Temos mais firme a palavra dos profetas, à qual bem fazeis em estar atentos como a uma luz, que alumia em lugar escuro, até que o dia esclareça e a estrela da alva apareça em vossos corações” (II Pedro 01:17-19).

Na mensagem da Meditação Matinal do dia 01 de Fevereiro deste ano, baseada no texto de Eclesiastes 11:01 – “Lança o teu pão sobre as águas...”, a autora conta como ficou tão emocionada ao receber a notícia de que uma sua amiga e ex-colega e o seu marido se haviam convertido e

baptizado como resultado da oferta de um exemplar do interessante livro *O Desejado de Todas as Nações*, feita alguns anos antes.

Ao ler esta meditação pensei: Quantas pessoas, ao nosso redor, quantos amigos, quantos colegas de estudo ou de trabalho, quantos familiares nos suplicam “Oferece-me uma Bíblia” ou “Dá-me a Bíblia”, como sugere o hino 165!

Deus ao Leme...

E, ao meditar sobre este assunto, veio à minha mente a história de uma Bíblia, não oferecida mas comprada, em Angola, em que me vi envolvido – experiência única, com resultados espectaculares... Tentarei resumir, ao máximo, a história.

Em 1968, uma jovem senhora, natural da Ganda, de nome Sara Pais e, pouco depois, Sara Pais Ferreira, por casamento, sofreu um grave acidente de automóvel no Alto Catumbela. Foi transportada para o Hospital Adventista do Bongo, onde foi bem assistida e internada, como aconteceu com centenas ou mesmo milhares de pessoas oriundas dos mais variados locais de Angola.

Ao fim de algumas semanas teve alta e, antes de regressar à Ganda (cidade conhecida, entre os portugueses, como Mariano Machado), comprou uma Bíblia, disse ela, a “um senhor que vendia Bíblias” (diríamos “colportor”). Estava noiva e casou logo a seguir. Passados alguns meses, lembrou-se da Bíblia e, juntamente com uma prima, de nome Lízia Ferreira, começaram a ler este Livro de forma sistemática. Quando chegaram ao livro de Êxodo, depararam com o mandamento da guarda do dia de Sábado. Perplexas, dirigiram-se ao pároco da Ganda, levando a Bíblia consigo e solicitando que ele lhes explicasse o assunto. O pároco aconselhou-as a queimar aquela Bíblia “protestante”. As duas senhoras, um tanto desapontadas, pediram-lhe que lhes emprestasse a sua própria Bíblia (católica) durante algum tempo. O pároco acedeu. Foram para casa e procuraram esse mandamento na Bíblia católica. Ficaram atónitas! A Bíblia católica dizia exactamente o mesmo que a Bíblia “protestante”... Devolveram-na ao sacerdote e cortaram relações com ele.

É nessas circunstâncias que, em Março de 1969, as duas primas resolve-



embelezamento da sala.

É nesta fase, depois da inauguração da sala, que o Conselho da União Angolana decide transferir um pastor brasileiro que estava a estagiar em Luanda, o Pastor Nilton Amorim, para se ocupar, a tempo inteiro, do elevado grupo de crentes da Ganda. No dia

4 de Abril de 1971 tive o grande prazer de baptizar, na “piscina” da Zootécnica do Alto Catumbela, dezassete pessoas! Os primeiros frutos colhidos!

O marido da D. Sara era projectista da Câmara Municipal da Ganda. Por sua influência, a referida Câmara Municipal ofereceu um terreno espaçoso, além de muito material. Com a ajuda de todas as pessoas interessadas e algum apoio da União Angolana, foi construída a residência do pastor e a bonita igreja que pode ser vista na foto. Em meados de 1974 é inaugurado o novo templo. Muitos baptismos se seguiram.

Surge, entretanto, o 25 de Abril e todo aquele grupo de várias dezenas de crentes, na sua quase totalidade, regressam a Portugal. Ainda hoje podemos encontrar muitas dessas pessoas espalhadas pelo nosso país, como, por exemplo, em Vila Real, Figueira da Foz, Almada, Lisboa-Alvalade, Arganil ou Porto.

O actual Director do Departamento de Saúde e Temperança da Divisão Euro-Africana, o Dr. Viriato Ferreira, é “neto” da Ganda, filho de uma das senhoras que nos aguardavam naquela primeira Sexta-feira – a Irmã Helena Ferreira e o seu marido, activos membros da Igreja de Lisboa-Alvalade.

Tudo isto como resultado de uma Bíblia comprada no Hospital Adventista do Bongo.

Louvado seja Deus! ■

ram escrever uma carta onde expunham as suas dúvidas ao “Pastor da Igreja Adventista – Nova Lisboa”. Na altura eu acumulava as funções de Secretário-Tesoureiro da União Angolana e de pastor da Igreja de Nova Lisboa. Respondi-lhes de imediato, explicando a verdade do Sábado. Passadas umas duas ou três semanas, recebi uma nova carta a pedir-me explicações sobre “as dízimas do campo”, ao lerem o livro de Levítico, o que fiz sem demora.

Surge uma terceira carta, um tempo depois, a pedir-me que as fosse visitar num fim-de-semana (a Ganda dista de Nova Lisboa cerca de cento e quarenta quilómetros). Marcou-se o dia, uma Sexta-feira. Levei comigo o meu filho mais velho. Ficámos hospedados numa pensão e, às vinte horas, batemos à porta da residência da mãe da D. Sara, de nome Alda Pais. À nossa espera estava um grupo de vinte e oito a trinta pessoas, na sua quase totalidade senhoras. O encontro prolongou-se até às vinte e três horas. No dia seguinte nova reunião de manhã até à hora do almoço...

Duas semanas depois, novo encontro com mais pessoas. O número de pessoas sedentas da Palavra de Deus aumentava... Pedi ajuda ao Ir. Manuel Marinheiro, organizando visitas alternadas, pois eu não podia “abandonar” a Igreja de Nova Lisboa. Decidimos arrendar uma sala relativamente espaçosa, muito perto da casa da D. Alda. Com a ajuda de alguns voluntários, encomendámos, já aparelhadas, as madeiras para os bancos, o estrado e o púlpito. As senhoras interessadas encarregaram-se das cortinas e do cortinado, do

Juvenal Gomes
Pastor Aposentado

OBSERVANDO A QUEDA DO PARDAL

Tentando **compreender** a orientação de Deus
na jornada da vida

DIXIL RODRÍGUEZ



“Encontrou aquilo de que andava à procura?”
Ouço a voz a alguma distância. Não preciso de me voltar para trás para saber quem está a falar: *Bill e Jason*, amigos de longa data que encontrei há apenas quatro horas. Semicerro os olhos para ver os quilómetros de campo aberto, com o vento a mover a erva alta e já seca, e as folhas das árvores. Consigo avistar o horizonte onde a erva toca o céu. Este belo cenário desdobrava-se à minha frente, enquanto uma brisa suave punha a descoberto os caminhos por onde outros tinham passado. Pergunto-me se essas pessoas procuravam a mesma coisa.

Ouçõ bater a porta enferrujada da carrinha do Bill.

“Ainda não!” – digo, avançando em direcção às árvores.

“Ok, estaremos aqui à sua espera.”

Isto é encorajador: alguém está a olhar para mim enquanto sigo em frente.

Ele permanece de pé em frente à porta do meu escritório. Mal consigo reconhecê-lo.

“Sra. Rodríguez, apenas queria despedir-me de si.”

Olho para o jovem que está à minha frente – Robert. Há três anos ele era um dos alunos que frequentava vários dos meus cursos de escrita. Certo dia, ele chegou mesmo a ir ao meu escritório com radiografias feitas ao estômago do seu cão, para provar que o seu trabalho (guardado numa *pen-drive*) tinha sido realmente engolido pelo animal. Pediu-me para telefonar para o consultório veterinário para confirmar a história; tudo para me mostrar que não era irresponsável. Recordo-me de ter conhecido a sua mãe, Helena, e os seus irmãos numa cerimónia académica de atribuição de prémios. Helena e eu falámos durante algum tempo em espanhol, partilhando uns poucos fragmentos da nossa cultura individual. Ela estava tão orgulhosa do seu filho mais velho, Robert! Eu garanti-lhe que ele era um excelente aluno. Ela não sabia que prémio é que ele iria receber. Eu sabia que ele seria recompensado com o “Prémio Excelência Académica” e com uma bolsa de estudo.

E, agora, aqui está ele. De uniforme impecável, mais alto do que alguma vez o tinha visto: um jovem que partia para a guerra.

Tento manter uma conversa agradável. Peço-lhe que me mostre como fazer continência correctamente, de forma a saber como cumprimentá-lo quando ele regressar. Colegas de trabalho tiram algum tempo para se juntarem à conversa que decorre no *hall*. Acredito que isto faz parte do ser-se um educador. Espera-se ensinar algo de valor, algo que não venha de um livro, mas sim do coração; uma lição de vida de valor, uma lição que se leve para qualquer parte do mundo, algo que traga paz à alma quando o corpo está nas trincheiras.

Despedimo-nos e observamo-lo enquanto se afasta. Não sou a única que limpa rapidamente uma lágrima, relembRANDO penosamente que os campos de minas não se encontram apenas em locais longínquos.

Cara Sra. Rodríguez,

Espero que esteja bem. Consegue acreditar? Parece que estou

no outro lado do mundo. Nunca pensei que faria parte de uma guerra, mas aqui estou eu. Tenho saudades da minha família. Estou bem...

Comprei um atlas. Nenhum mapa de computador serviria. Os meus olhos encontram a impressão minúscula com o nome da cidade – uma linha muito pequenina no meio de um livro enorme, uma evidência da existência de vida algures fora da página. O trajecto parece muito simples: *Ardmore, Paul's Valley*, procurar indicações para *Homer e Happyland* e, finalmente, chega-se a *Calvin*. Coloco o cinto à volta da mochila que contém a preciosa carga para a viagem. Os amigos ofereceram-se para me acompanhar. Contudo, esta é uma viagem solitária que prometi a Robert.

Espaços vazios e cidades pequenas; é o que vejo ao longo do caminho. O sol esconde-se por alguns segundos, e de repente: chuva. *Isto não estava na previsão meteorológica!* A visibilidade é diminuta. Encosto junto a um restaurante à beira da estrada. Trata-se de uma pequena casa cor-de-rosa, mas tem RESTAURANTE escrito em grandes letras amarelas. Corro lá para dentro, tentando, sem sucesso, evitar a chuva fria. Um sino preso à porta anuncia a minha chegada. Vejo balcões de um estilo antigo, daqueles desprovidos de cadeiras individuais. *Devemos sentar-nos perto daqueles de quem gostamos. É emocionalmente apazível no restaurante.* Se estas paredes pudessem falar, talvez falassem de tudo o que é agradável na vida.

Cara Sra. Rodríguez,

Recebi hoje a sua caixa de víveres. Obrigado. Obrigado também por ver como a minha mãe tem passado. Escrevo-lhe todos os dias. Sei que ela está preocupada. Na última semana que estive em casa, pus como prioridade passar tempo com ela. Tenho pensado muito nisto. Acho que a parte mais difícil é reflectir em tudo o que deveria ter feito para manter a minha mãe e os meus irmãos sempre felizes. Isto soa muito “adulto”. Talvez esteja a pensar nisso por me encontrar num local tão “adulto” neste momento...

“O que posso trazer-lhe, querida?”

A empregada não tinha nenhuma placa com o nome. Ela não me dá tempo de responder.

“Que tal um chá de camomila? Precisa de algo que a aqueça.” Ela afasta-se, murmurando. *Não a conheço, mas ela está a cuidar de mim.* No restaurante todos estão a falar e a rir.

“Aqui tem”, a empregada senta-se perto de mim. *Porque é que ela se sentou ao meu lado?*

“O meu marido é agricultor.” Ela aponta para um cavalheiro mais velho que joga damas com um rapazinho. “Aquele é o nosso primeiro neto, Jason; ele tem 6 anos. Jason passa o tempo todo na quinta, mas ele vai à escola.” Ela olha para Jason. *Eu conheço aquele olhar. Vejo-o nos pais, nos amigos, quando um dos seus queridos recebe um prémio ou termina o curso.* Consigo sentir as suas esperanças e os seus sonhos em relação a Jason salpicar toda a mesa como água jorrada em câmara lenta que cuidadosamente pára no topo, criando uma poça de esperança.

“Vivi aqui toda a minha vida. Sou a Debbie. De onde é que você é?”

“Eu venho do Texas, a apenas algumas horas daqui. Estou de visita. Vim para cumprir a promessa que fiz a um amigo e, de certa forma, apresentar os meus sentimentos. A chuva tornou difícil ver a estrada, então parei.”

“Ah... Está perdida? O Bill pode ajudá-la!” Ela chama-o.

Aqui vêm eles: Bill e Jason. Eles sentam-se e parece que estou a falar com a família. Fico a saber que este era o restaurante da mãe de Debbie. Bill pediu Debbie em casamento neste mesmo sítio. A semana passada celebraram ali o aniversário de Jason, enchendo o local com balões. *Este é um local de memórias bonitas.* Bill, então, faz-me a pergunta mais importante: “Onde pretende ir?”

Cara Sra. Rodríguez,

O tempo passa mais depressa aqui. Estava a relembrar o fim-de-semana antes de partir, quando a minha mãe me levou à igreja e estava lá uma senhora a cantar. Já tinha ouvido essa canção em espanhol e ela soava diferente em inglês. A letra falava de como Deus olha para este imenso mundo e observa os pardais. Lembro-me de ver muitos ninhos de pardal enquanto crescia. Quem me dera ser novamente criança. Simplesmente me abracei à minha mãe e chorámos juntos...

Falei sobre o Robert a Bill. Abri a minha mochila e tirei de lá uma pilha de cartas e e-mails. No cimo coloquei a última carta, na qual Robert me pediu para tirar fotografias da sua antiga cidade e dos pardais. Bill pergunta-me porque demorei tanto tempo para o fazer. Eu tiro para fora um Revista Adventista e mostro-lha. Trata-se de um número de homenagem a Del Delker, e o título diz: “Eu Sei Que Ele Olha Por Mim.” Digo-lhe que abrir a caixa de correio e ver a capa fez-me ficar literalmente sem respirar e lembrou-me que tinha uma promessa a cumprir. Enquanto falo, Bill simplesmente acena com a cabeça. Algo na sua pele queimada pelo Sol e nos seus olhos com rugas me diz que ele sabe quão importante é que eu cumpra esta promessa.

Sra. Rodríguez, se nunca viu de perto um pardal, permita-me que lhe diga que não é um pássaro bonito. Comecei a perguntar-me: Porque é que Deus se importaria? Há tantos pássaros bonitos por aí! Há tanta coisa a acontecer neste preciso momento pelo mundo, acha que Ele conta os pardais para ter a certeza de que todos regressaram aos seus ninhos à noite, todos os dias? Penso que os pardais são algo de que apenas Deus Se ocuparia e com que apenas Ele Se preocuparia... algo importante, certo? Eu compreendo que Ele quisesse olhar pelos pequeninos. É o que os

meus colegas e eu fazemos aqui, olhar uns pelos outros. Questiono-me se os pardais ainda voam por lá, no campo aberto onde cresci...

Em minha casa, sento-me, segurando um pedaço de papel amarrotado com o número de telefone de Helena. Ela pediu-me que ajudasse as suas duas filhas na preparação para os exames de acesso à Universidade. Agradeceu-me muitas vezes. Os seus filhos seriam a primeira geração de alunos universitários na sua família.

Quem me dera que os números se marcassem sozinhos. Quem me dera ter um guião para esta conversa. Na semana passada recebi as notícias de que Robert não regressaria a casa. Tenciono assistir aos serviços fúnebres. Estou incumbida de telefonar a Helena.

O telefone toca uma, duas, três vezes.

“Hola?” É ela. O meu coração sofre, questionado-se se ela estaria sentada junto do telefone, aguardando que alguém lhe ligasse e lhe dissesse que Robert ainda estava vivo.

“Olá, Helena, é a Sra. Rodríguez...”

Soluços. Ela está a soluçar. *Ela sabe porque liguei.* Ela murmura algo que se torna mais claro à medida que respira entre os soluços: “O meu filho... o meu filho, Sra. Rodríguez... o meu filho.”

A tempestade ainda subsiste fora do restaurante. Entretanto, o Bill fala da sua juventude. Ele sabe o que é a guerra e a perda. Recorda-se de se sentar ao lado da mãe, com a rádio ligada, enquanto o locutor anunciava alguns números. A sua mãe segurava sempre uma carta. Um dia, depois de os números terem sido referidos, ela sentou-se calmamente junto à rádio durante o resto da noite. Embora sendo apenas uma criança, o Bill sabia que um dos números que tinha sido lido era uma má notícia. O seu irmão nunca regressou a casa.

E Robert nunca voltou para casa.

Bill inspira profundamente, olha para as cartas e depois para mim. A conversa mais longa do dia tem lugar ali, num olhar apenas. Naqueles segundos, ambos partilhámos palavras de tristeza, perda e conforto. *Você percebe porque estou aqui.*

“Jason, queres vir com o avô mostrar a esta senhora onde se encontram os pássaros?”

Vamos sair debaixo de chuva?

Bill vê-me olhar pela janela e diz: “A tempestade está a passar. Terá sol no local onde quer ir. O chão está tão sedento que não se afundará nos campos. Não se preocupe.”

Eu acredito nele.

Há um plano. Seguirei Bill até ao cruzamento, virarei à esquerda e conduzirei mais oito quilómetros. Haverá uma clareira, um pedaço de terra onde ninguém construirá seja o que for, pois Bill diz que todos na cidade sabem que aquela terra “pertence a Deus”. Lá, encontrarei os pássaros.

Cara Sra. Rodríguez,

Hoje foi duro. Somos treinados para o duro. A vida prepara-nos para o “duro”. Já é tarde e as estrelas apareceram. Elas parecem tão límpidas lá no céu, como se não tivessem sido mancha-

das por tudo o que está a acontecer à nossa volta... Alguém certa vez me disse que um dia todos nós descobrimos aquilo de que somos realmente feitos. Hoje eu descobri que sou feito de fé e de esperança. Fé de que esta guerra tenha um fim, esperança de que voltarei a ver a minha mãe. Agora respeito-a de uma forma diferente. Deve ter sido difícil criar-nos sozinha. Estávamos todos sozinhos no nosso ninho, sem um pai para nos ajudar.

Hoje foi duro...

Vejo o pisca da carrinha. É aqui que viro. Bill tinha razão: nada de chuva. Consigo avistar nuvens de cor púrpura no meio do sol. Tenho a certeza de que ele também está certo quanto ao chão seco. *Ele trabalha com a terra todos os dias, conhece estes pormenores.* O meu espelho retrovisor confirma que não há ninguém à vista. Passo à frente de Bill e de Jason, agradeço-lhes com um aceno de mão, e viro à esquerda.

Sra. Rodríguez, enquanto crescia, como filho mais velho, eu era o homem da casa. Não éramos ricos, mas tínhamos comida e um abrigo. Eu tomava conta dos meus irmãos e das minhas irmãs. Voltávamos para casa de bicicleta, quando o sol se punha. Os pássaros voavam à nossa volta. Sempre me questionei se eles o faziam procurando respostas por serem curiosos. Lembro-me de desejar ser capaz de voar. Seria aquele pardal a sair do ninho à noite tentando chegar às estrelas. Voar sem medo de cair...

Helena limpa uma lágrima enquanto me fala acerca do quanto orou pelo seu filho. Durante a noite, ela acordava e ajoelhava-se para orar pelo seu filho. Ela diz que sabe que Deus estava a olhar por ele: “Deus era o único que o podia ver, que podia cuidar dele por mim a tantos quilómetros de distância.” Depois pergunta-me se eu acredito que ela vai voltar a ver o seu filho. Começa a soluçar. *Sim, eu acredito que vê-lo-á novamente. Ele viveu a sua vida com fé e esperança. Virtudes que Deus, graciosamente, nos concede para partilharmos e nos confortarmos uns aos outros.*

Depois, amparo-a até os serviços fúnebres terem início.

“Avô! Olha!”

Viro-me para perceber do que é que Jason está a falar. Ali estão eles! Vindos do meio da erva, vindos de todos os lados! Tantos pássaros! *São pardais?* Juntam-se e voam sincronizadamente, separando-se em grupos mais pequenos e escondendo-se nas árvores. *É lindo!* Estão a cantar, a chilrear, e quase posso ouvir as suas asas a bater contra o vento. *Será que Ele os viu todos? Ensinou-lhes como regressar a casa? Concedeu-lhes o instinto de voarem juntos, cuidando uns dos outros? Será que Ele os faz sentir aquela aragem todos os dias à mesma hora para lhes lembrar de que é o momento de voltarem para casa? Deu-lhes Ele a chuva para que se pudessem alimentar na erva, encontrar comida para si mesmos e para os filhotes que ficaram nos ninhos?*

De regresso ao restaurante, sento-me ao lado de Bill e ouço Jason contar a Debbie a “história dos pássaros”. Parece tão cheia de graça quando narrada por uma criança inocente!

Sorrio ao ver a forma como ele demonstra as características do voo dos pássaros e tenta imitar a sua canção. A minha alma anseia por permanecer neste ambiente agradável, mas o sol parece adormecer no horizonte e eu tenho uma longa viagem até casa.

O meu carro está cheio de comida, de produtos frescos e de pensamentos afáveis. Recebo um grande abraço da Debbie e o Jason promete olhar pelos pássaros por mim. Bill aperta-me a mão e diz-me que foi uma honra fazer parte desta viagem significativa comigo. Ele diz-me que Deus cuidou do seu irmão e de Robert. Ele recorda-me que Deus não perde o rasto de nenhum de nós. Estamos sempre ao Seu alcance e no Seu coração. Tal como o Sol, também este momento está a descer no horizonte. *Eu realmente pensei que conseguiria passar por tudo isto sem chorar.* Bill abraça-me e eu soluço um pouco. Eu avivei nele memórias dolorosas que os pardais felizmente aliviaram, tal como o fizeram comigo. *Espero.*

Cara Sra. Rodríguez,

Tenho um favor para lhe pedir. Lembra-se da cidade de que lhe falei, a cidade com os pardais? Os meus irmãos e as minhas irmãs não se recordam desse sítio; eles eram muito pequenos. Mas eu recordo-me do caminho de terra batida onde havia erva muito alta e ali víamos sempre os pardais voar para casa. Poderia tirar algumas fotografias do local e enviar-mas? Tenho estado a escrever uma longa carta (para a minha mãe) e gostava de incluir a fotografia. Tenho boas recordações da minha infância. Guardo boas memórias do que ela desejava para mim e da sua fé incrível em Deus. Seria tão especial para ela. Gostava de ver este local de novo. Eu asseguro-lhe, assim que lá chegar, estará rodeada por uma natureza linda. Relembra muitas das bênçãos da vida. Ali, toda a terra pertence a Deus. Penso que aqui também é assim, mesmo que não tenhamos pássaros... todos Lhe pertencemos. Fé e esperança, sempre, Sra. Rodríguez, sempre.

Cumprimentos,
Robert

Dixil Rodríguez

ensina Inglês no Tarrant County College, em Fort Worth, no Texas.

No dia 8 de Maio, numa cerimónia realizada em Arlington, Virgínia, Estados Unidos, a ACP (Associated Church Press) atribuiu a este artigo da Adventist Review o Prémio de Excelência em duas categorias: o de “Melhor Tema” e o de “Melhor Devocional/Inspiração”.



NA PELE DE OUTRO HOMEM

CLIFFORD GOLDSTEIN

A cabei de ler o livro mais comovente, inquietante e introspectivo que os meus olhos viram numa década: *A Autobiografia de Malcolm X*. Malcolm X era um Muçulmano Negro; eu sou um Judeu crente em Jesus. Pouco da sua teologia, das suas atitudes e conclusões se identificam comigo (sem dúvida, pouco das minhas teriam algo a ver com ele também). Não estou aqui para enaltecer o homem; estou aqui para aplaudir o seu livro, o qual, de uma forma poderosa, reforçou, na minha opinião, as palavras de Jesus: “NÃO julgueis” (Mateus 7:1). É certo que as acções necessitam de ser julgadas, contudo, *A Autobiografia de Malcolm X*, que me coloca na pele de outra pessoa (uma pele de cor diferente), mostrou-me o mundo através dos olhos de outro homem e fez-me estremecer diante do pensamento de julgar a alma de outro homem.

“Quando a minha mãe estava grávida de mim, disse-me ela mais tarde, uma facção de cavaleiros Ku Klux Klan encapuçados galoparam, uma noite, até à nossa casa em Omaha, no Nebraska”, dizendo à família que saísse da cidade. Essa foi a linha inicial da sua vida. Na página 8, ele escreveu que a sua família era tão pobre que “comeríamos o buraco de um donut.” Quando Malcolm tinha seis anos de idade, o seu pai foi morto por um grupo de racistas brancos. Embora a companhia de seguros tenha dito tratar-se de suicídio, Malcolm perguntou: “Como é que o meu pai conseguiria dar a si mesmo uma pancada na cabeça, e depois caminhar ao longo das linhas do eléctrico para ser atropelado?” Tudo isto na página 14.

Na página 200, depois de cumprir pena de prisão, Malcolm uniu-se à Nação do Islão e alterou o seu nome: “Para mim, o meu 'X' substituiu o apelido 'Little', do dono branco de escravos, que um demónio de olhos azuis chamado Little impôs aos meus antepassados paternos.” Malcolm X, cuja mente brilhante era inegável, tornou-se a voz mais famosa da Nação do Islão, à medida que criticava, aberta e controversamente e, por vezes, com uma lógica assustadora, a integração Negra com os “demónios Brancos”. A sua frase mais infame teve lugar quando, após o assassinato de JFK, ele disse tratar-se de “galinhas a regressarem ao galinheiro para se recolherem.” Tão habituada a infligir violência aos outros, particularmente sobre os seus negros, a América, disse ele, apenas “colheu o que tinha semeado”. Não é de surpreender que tenha deixado toda a gente nervosa, independentemente da sua cor.

A ira de Malcolm não foi incentivada na Geórgia de Lester Maddox, mas, sim, no Norte. “Eu não sei nada acerca do Sul”, escreveu. “Eu sou uma criação do homem branco do Norte...” Ele falou não apenas contra o movimento dos direitos civis, mas também contra a Igreja. “Imaginem, aos Domingos de manhã deste ano de graça de 1965, a “consciência Cristã” de congregações protegidas por diáconos barrando a porta a prováveis adoradores negros, dizendo-lhes: ‘Vocês não podem entrar *nesta* casa de Deus!’”

Palavras dolorosas, mas quem pode argumentar contra elas?

Com o passar do tempo, Malcolm X começou a tornar-se

mais brando, aceitando até que “nem todas as pessoas brancas são racistas”. Dado que uma grande parte da sua vida foi dominada pela ira contra os “Cristãos” Brancos Europeus (com *isso* eu posso identificar-me), essa ira impedia-o de ver as injustiças do Islão. Os Muçulmanos Árabes tinham comercializado escravos Negros muito antes de os “Cristãos” Brancos Europeus fazerem o mesmo. Por alguma razão também, ele acreditava que o racismo não existia no Islão (a ira pode distorcer até mesmo a visão mais aguçada).

Há uma conexão Adventista na história de Malcolm X. Depois de o seu pai ter sido assassinado, a sua mãe frequentou uma igreja Adventista do Sétimo Dia. Os Adventistas eram, escreveu ele, “as pessoas brancas mais afáveis que eu alguma vez tinha conhecido”. É de lamentar que o contacto não tenha produzido frutos mais duradouros, pois, quanto mais eu lia, mais podia ver a mudança, o progresso, o amadurecimento de um homem que sentiu de uma forma intensa a injustiça e a hipocrisia da América relativamente aos seus cidadãos Negros.

Se não tivesse sido abatido a tiro antes de chegar aos 40, assassinado por Muçulmanos Negros rivais, quem sabe onde a sua história teria terminado? Mesmo através da ira que salta à vista nas páginas de *A Autobiografia de Malcolm X*, eu consegui ver a caminhada que o Sr. X estava a fazer e questiono-me: *O que é que ele pensaria da América actual, a América de Barack Obama?*

Não importa quão desconfortáveis ela nos deixe, a sua história é uma história Americana, que cada Americano – Branco ou Negro – deveria ler. Cada um pode depois julgar Malcolm X por si mesmo.

Pensando melhor, é preferível deixar esse julgamento para Deus.

Clifford Goldstein é editor das Lições da Escola Sabatina para Adultos. ■

Em síntese... Malcolm X foi um dos mais carismáticos líderes dos movimentos de emancipação dos negros na América.

Depois de uma infância e juventude atribuladas, foi preso por vários roubos em residências, e foi na prisão que aceitou o Islamismo.

Enquanto Martin Luther King, pastor Baptista e activo defensor dos direitos dos negros, apostava na resistência pacífica como arma para enfrentar o racismo e a segregação, Malcolm X defendia a separação das raças, a independência económica e a criação de um Estado autónomo para os negros. Ao lado de Elijah Muhammed, dirigente do movimento negro “Nação do Islão”, que congregava os negros muçulmanos da América, viajou pelos principais Estados norte-americanos para pregar as suas ideias e defender a libertação dos negros.

A sua vida foi tema de um filme, além de comentários e livros.

Clifford Goldstein

Editor das Lições da Escola Sabatina de Adultos

8

remédios lhe damos...



...para recomençar a viver em



MiraVillas
Aparthotel



Pensão completa e todos os materiais incluídos:

Quarto duplo: €675 por pessoa

Quarto individual: €780

O programa inclui: Acompanhamento médico
(avaliação de colesterol/ glicémia / % gordura corporal)
Aulas de Saúde | Alimentação Vegetariana |
Exercício Físico | Descanso | Massagem |
Curso de Culinária Vegetariana

Programa:

NEWSTART®

Recomeçar a Viver!

8 dias!

29 Ago. a 5 de Set.

Inscrições feitas
até 15 de Junho:
10% desconto

Data limite
para inscrições:
31 de Julho de 2010

Tel.: 21 845 42 30

e-mail: info@medicinapreventiva.pt
www.medicinapreventiva.pt



associação portuguesa de
Medicina Preventiva

Av. Almirante Reis, 219 Cx/D1º 1000-049 Lisboa
tel: 218 454 230 fax: 218 454 231 NIF: 506574458